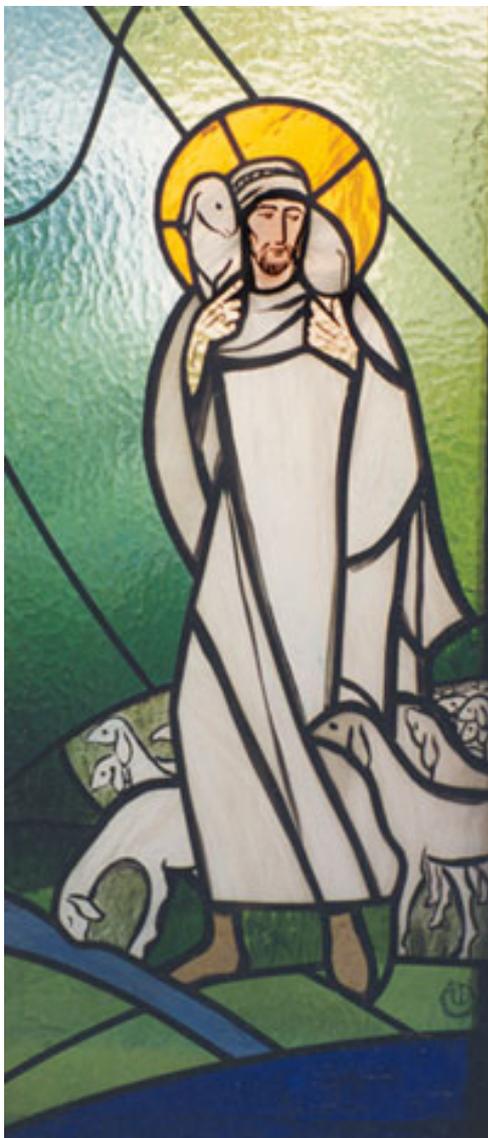


Irmãs de Jesus Bom Pastor - Pastorinhas



RECONQUISTADAS
POR CRISTO PASTOR
NARRAMOS
O SEU AMOR SALVIFICO

*“Avisa-me, amado de minha alma,
onde apascentas o rebanho”
(Ct 1,7a)*

ANEXOS
ATOS 6° INTERCAPÍTULO
2° fascículo

S. Miguel — Buenos Aires 15-28 de junho de 2009

Na capa: Jesus Bom Pastor, Vitral de Cornelia Rota

Introdução da Superiora Geral à Celebração Eucarística de abertura

15 de junho de 2009

Preparamo-nos para celebrar o nosso 6º Intercapítulo, um “tempo favorável” que o Senhor está oferecendo à Igreja, à nossa Congregação, e a cada uma de nós. Desejamos agradecer o nosso Deus que escolheu escrever a história também conosco. Desde a sua irrupção no tempo, estreitando com toda a humanidade uma relação de amizade, cada instante é o “momento favorável”, se sabemos perceber neste a presença do Senhor.

Somos chamadas a viver este momento na comunhão profunda com Jesus morto e ressuscitado, invisivelmente presente na nossa vida e na de todas as Pastorinhas que estão nos acompanhando, de diversos países do mundo. Na Eucaristia vivemos a plena comunhão.

A Igreja, na liturgia da Palavra, hoje nos convida a considerar o paradoxo da vida apostólica e espiritual: O Senhor nos deixa pobres, nos deixa nas dificuldades e justamente nelas a sua graça manifesta-se, o seu amor resplandece. *“Pobres, mas enriquecemos a muitos, gente que não tem nada, mas, no entanto possuímos tudo” (2Cor 6, 10)*, disse o Apóstolo Paulo. Isso acontece, porém se na nossa pobreza deixamos Deus agir. E é o Espírito Santo que queremos deixar agir em nós durante estes dias de Intercapítulo.

Permanecendo pobres, pobres em todos os sentidos, acolhamos verdadeiramente em nós *riqueza de Deus*, para transmiti-la através da nossa vida. Atinjam, então a nossa pobreza, habitada da riqueza de Jesus Bom Pastor, e por Sua graça dediquemo-nos sem reservas ao ministério de “cura de almas” que Ele continua confiando a nossa Família Religiosa

Por isto, queremos pedir ao Pai o dom do Espírito Santo, que nos acompanhe com a sua sabedoria nestes dias de oração, estudo, partilha e discernimento pastoral.

Jesus Bom Pastor aumente em nós a alegria de ser pobres, e nos ajude a sê-lo cada dia mais, confiantes que a nossa verdadeira riqueza é e continua sendo a Trindade Santa. É desta riqueza que o nosso mundo necessita! Porque Jesus nos recorda: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada” (Jo 14,23).

Confiemos também, nesta celebração, o nosso delicado serviço às irmãs, assim como o Bem Aventurado T. Alberione, nosso Fundador, recordava-nos: *“Todas as superiores tem como primeiro dever: cuidar do espírito das irmãs que*

estão com ela. Esta é a primeira e importante missão, não aquela relacionada a tantas coisas que são somente exterioridade. Formar o espírito e alimentar o espírito das irmãs” (AAP 1962, 469).

Estamos para concluir o ano paulino, onde tivemos a oportunidade de conhecer melhor o Apóstolo Paulo, o seu amor a Cristo e à Igreja, fonte do zelo apostólico. E estamos para abrir o ano sacerdotal que, no próximo dia 19 de junho, o Papa Bento XVI anunciará oficialmente. Também este ano nos comprometerá muito de perto como Pastorinhas, por causa da vocação pastoral que recebemos, e que nos pede a comunhão e a colaboração com os Pastores da Igreja. Que os 150 anos da morte de Curra d’Ars, um pastor de almas que o nosso Fundador nos indicou muitas vezes como exemplo de “cura d’anime”, seja para nós de impulso e intercessão.

Desejo agradecer a todos vós aqui presentes, que quisestes partilhar conosco este “momento favorável”: A Dom Sergio Fenoy, Bispo da Diocese de S. Miguel que preside esta celebração, as Pastorinhas desta Delegação ARG-BO e as irmãs que nos hospedam nesta casa. Um agradecimento no Senhor também às Irmãs e outras pessoas que, de diversas partes do mundo, nos acompanham com a oração e com o oferecimento de algum sacrifício para o bom êxito deste evento eclesial. A graça do Senhor acompanhe-nos em nossos trabalhos. Boa Celebração a todos!

Ir. Marta Finotelli

Anexo 2

A conformação a Cristo

Ir. Julieta Stoffel, fsp

16 de junho de 2009

“Em contínua conformação a Cristo Pastor, aprofundamos e re-expressamos o ministério de cura pastoral para conduzir a humanidade de hoje às fontes da vida”.

Introdução

○ Mestre Divino, Aquele que somos chamadas a viver e comunicar, é um mestre com o coração de Pastor, com atitudes e gestos de Pastor. Esta é, certamente, a modalidade que deve caracterizar nosso discipulado e nosso magistério paulino: a bondade e a misericórdia do Mestre Pastor.

Jesus Cristo nasceu como Mestre em Belém, a sua primeira escola foi a gruta, sua primeira Catedral o Presépio: *“Venham a mim, a esta escola, ó cristãos: vocês dizem ‘sou cristão’, pois bem! Esta é a escola dos cristãos: a gruta. Mas, quem é o Mestre? Jesus Cristo, a Sabedoria eterna. E qual a sua Catedral? O presépio. Abre a boca ó divino Mestre. Jesus disse: «felizes os pobres de espírito!»*” (Q.¹ 043 1910).

O que Alberione percebe, sente, vive? Sem nenhuma dúvida, a totalidade do mistério de Cristo. Ele é o Mestre que orienta realmente a vida; que não só ensina, mas precede com o exemplo. *“Diferentemente dos mestres humanos irresponsáveis, Jesus Cristo é tão bom Mestre que, enquanto ensina, dá o exemplo e comunica à vontade fraca a graça medicinal”* (Q. 08. 1908).

A expressão “Mestre Bom” tem uma enorme densidade. Quando eu afirmo que uma pessoa tem sido boa comigo, o que quero dizer? Que teve compaixão comigo... que me acolheu sem nenhuma condição... que compreendeu meus erros, meus limites... que foi misericordiosa...

Será que também por trás desta expressão “Bom Mestre” Padre Alberione não teria em mente a imagem de Jesus Bom Pastor? Se ele sentiu-se acolhido, amado, conquistado e eleito para uma grande missão, precisamente quando se encontrava na maior desorientação e confusão, o Mestre que o convidou para a sua escola, é realmente “Bom”.

A Ir. Elena Bosetti afirma que o título Cristológico “Pastor” na família paulina, mais do que agregar ou substituir, parece especificar uma característica eminente do Mestre Divino, como dissera o Fundador nas suas palavras dirigidas às Pastorinhas *“a família de vocês nascida por último, tem a missão mais bela, a mais semelhante ao Divino Mestre, o qual quis, sobretudo, ser o “Bom Pastor”, o salvador bom, o grande benfeitor da humanidade, aquele que curava toda a enfermidade espiritual e temporal.* (PrP III, 1938, p.7; primeira visita em Genzano).

A figura do Mestre e do Pastor são complementares na Bíblia, afirma a Ir. Elena Bosetti, particularmente o movimento sapiencial apresenta a figura do Mestre muito próxima a do Pastor: *“As palavras dos sábios são como ferrões e as sentenças coletadas são como estacas fincadas. Umas e outras provêm do mesmo pastor”* (Ecl 12,11). Também a tradição Sinótica une as duas figuras: a compaixão de Jesus pelas multidões que estavam como ovelhas sem Pastor, se expressa antes de tudo, dando a Palavra: *“E começou a ensinar-lhes muitas coisas...”* (Mc 6,34).

Eu sou a porta – Eu sou o Pastor (Jo 10,1-21).

¹ Q é a sigla dos cadernos de Alberione, seguida pelo ano.

Jesus é a “porta das ovelhas”: através Dele se chega aos pastos, ou dizendo de outro modo, nos faz sair da escravidão da lei para a liberdade do Filho (Jo 10,7-10), ao nos comunicar sua vida mesmo de Filho, fazendo-nos partícipes de sua relação de conhecimento e de amor com o Pai.

Depois de ter afirmado que ele é a “porta” da salvação, Jesus se identifica com o “Bom Pastor”. “Bom” significa verdadeiro, autêntico, bondoso, que sabe e cumpre totalmente sua tarefa: porém a palavra sugere ao mesmo tempo algo prazeroso e realmente belo.

“Venham todos a mim” é o convite de Jesus para entrar em sua escola. “Vão, preguem, ensinem”, é o Pastor que quer aliviar, libertar e dar descanso. (cf. MT 11,29)

Se para Alberione, Mestre equivale “todo o Cristo”, que atrai e envolve em sua missão, é fundamental para nós olhar o que para Jesus significa ser Mestre e ser reconhecido como tal. A única vez que Jesus aprova que o chamem de Mestre, é justamente no momento mais decisivo da sua vida, na última Ceia, depois do lava-pés: “Vocês dizem que eu sou o Mestre e Senhor. E vocês têm razão; eu sou mesmo. Pois bem: Eu, que sou o Mestre e o Senhor, lavei os pés; por isso vocês devem lavar os pés uns dos outros” (Jo 13,14).

Jesus aceita e vive um magistério de humildade, de serviço, de doação... Se é mestre somente aos pés dos irmãos. Na experiência do bem aventurado Alberione há ainda outro elemento que enriquece de profundidade evangélica a nossa visão de Cristo Mestre: a referência ao Mestre Eucarístico. Na Eucaristia está o Mestre que entrega constantemente sua vida. Para Alberione a Eucaristia é a cátedra do Mestre em nosso meio.

Seremos discípulos de Jesus quando aprendermos a entregar a vida, quando saindo de nós mesmas nos doarmos sem reservas; quando soubermos morrer para dar vida, como faz o Mestre Jesus na Eucaristia. Seguir Jesus como Mestre, o Bom Pastor, é todo um desafio! Realmente nós recebemos o melhor: não possuo ouro nem prata, o tesouro que tenho vos dou: Jesus Mestre e Pastor, Caminho, Verdade e Vida.

O que diz para nós hoje esta expressão? Se a deixamos ressoar dentro do nosso coração o que sugere? Não é por acaso um chamado a centralizar nossa vida radical e definitivamente Nele? Poderá ser Cristo nosso único e verdadeiro Mestre, enquanto estamos aderindo a outros mestres, enquanto temos outros ídolos em nosso coração? Pessoas, critérios humanos, idéias, atitudes, posições pessoais que não coincidem com o Evangelho?

Padre Alberione está profundamente convencido que as mulheres que se fazem discípulas do Mestre Divino são fortemente incisivas na transformação da sociedade. Pensa nelas e as vê na vanguarda da nova evangelização na Igreja.

A conformação a Cristo é orientar decididamente o coração a Deus, buscando sempre e em tudo a sua glória (cf. Mt 6,33). É a ratificação constante de nossa opção fundamental, que, embora tenha um ponto concreto de partida: o momento no qual nos decidimos por Deus, orientando com consciência e responsabilidade todo o nosso ser para Ele, vai se fazendo real e profunda nas opções concretas de cada momento. Se eu, nas pequenas decisões do meu dia: o ir para lá e para cá, dizer isto ou me calar, evitar ou propiciar este encontro, etc, não faço referência a Deus, mas ao contrário busco minha afirmação pessoal, a aprovação dos demais, etc, estou negando, contradizendo a minha opção fundamental. O instrumento para permanecer nesta contínua reorientação para Deus é o exame de consciência que Padre Alberione chama «segredo para caminhar retamente».

O exame de consciência supõe fundamentalmente duas atitudes: escutar e discernir.

Escutar: “inclinar o ouvido”, “acolher”, “obedecer”. É tão importante o saber escutar, que disto depende, na Bíblia, a plenitude da vida “escutem e viverão”. (cf. Is 55,2b-3a). “As ovelhas escutam sua voz”. O povo oprimido reconhece a quem lhe propõe um caminho de saída. Aquele que fora cego, que havia escutado o Pastor, foi expulso do templo e chegou à luz. Lázaro também escutará sua voz e sairá do túmulo. (cf. Jo 11,43). O povo, que sofre o jugo da opressão, é sensível à voz da liberdade, quando ela o faz sair, a escuta com alegria.

“Eu sou o Bom Pastor: conheço minhas ovelhas, e elas me conhecem” (Jo 10,14). Após referir-se ao Pastor em termos de coragem, o que leva a expor sua própria vida, Jesus acrescenta que “dispõe” a favor de suas ovelhas: põe a disposição a sua própria vida, que é o conhecimento do amor do Pai. Tem um conhecimento, uma intimidade, um amor recíproco entre Pastor e ovelhas.

Escutarão minha voz. A voz do Filho, que chama a cada uma pelo seu nome (Jo 10,3) e que cada um reconhece como verdadeira no seu coração; “eu te chamei por teu nome; tu me pertences... És precioso aos meus olhos, és digno de estima e eu te amo” (Is 43,1-4). O Pastor não olha suas ovelhas como um “rebanho”, com cada uma estabelece uma relação pessoal, de amizade.

Reconhecem sua voz. Toda pessoa que escuta Jesus sabe reconhecer a voz da verdade, porque distingue também a voz da mentira. Os falsos pastores oprimem com mentiras enganosas e, se for necessário, recorrem à violência, ao terror e ao medo, ao passo que o verdadeiro Pastor nos faz livres, capazes de amar e servir, de esperar e de enfrentar os desafios da vida. No fundo, cada pessoa que se deixa guiar pelo Espírito é capaz de perceber a diferença entre uma e outra voz.

Não reconhecem a voz dos estranhos. Temos desenvolvido uma capacidade para escutar as vozes mais estranhas, porém talvez, tornamo-nos incapazes de escutar a voz íntima da consciência: somos seduzidos por qualquer vendedor que quer nos vender qualquer coisa, mas não nos deixamos seduzir por Aquele que nos ama com amor eterno.

Paulo recorda que também a fé depende da escuta, e nos relatos de sua conversão fica evidente a sua atitude de escuta: Senhor, que queres que eu faça? (At 22,10)

Escutar os chamados, os gemidos do Espírito. São Paulo disse que o Espírito Santo, geme, clama dentro de nós (cf. Rm 8,29). É preciso escutá-lo para saber qual é a vontade de Deus. Ele conhece os desejos de Deus. Escutar os próprios sentimentos, as motivações, as intenções que estão dentro de nossas pequenas e grandes opções, decisões, este é o discernimento espiritual. Escutar os chamados que vêm de Deus, através das pessoas, de suas palavras, de suas atitudes. É interessante escutar e discernir: o discernimento está em estreita relação com a escuta. Discernir é saber distinguir «aquilo que é de Deus daquilo que é nosso» (AD). Distinguir o que vem do Espírito do Senhor e o que vem de nosso egoísmo.

Ser conformes à imagem do Filho

Entrar é uma palavra chave do caminho espiritual. Trata-se de uma série de disposições e movimento do coração que nos colocam na realidade de um encontro, uma relação vital (Cf. Mt 19, 16-17). Na relação com Jesus Mestre e Pastor Caminho, Verdade e Vida, entramos com todo nosso ser pondo em movimento todas as dimensões de nossa pessoa: mente, vontade, coração e energias. Entrar implica então, uma relação integral, que nos faz passar progressivamente dos raciocínios ao coração; da emotividade superficial para a afetividade profunda, do voluntarismo a uma resposta livre e amorosa. Uma relação que se torna progressivamente identificação, conformação.

Alberione insiste sobre o conhecimento e o amor, a afirmação de que Cristo é o único Mestre, porque não somente ensina, mas forma, educa e dá a graça para realizar o que ensina.

A verdade, na ótica semítica, é fidelidade, coerência, estabilidade. A verdade bíblica não é o somente dizer, mas, sobretudo agir, acontecimentos, isto é, revelação que chegou à sua plenitude em Jesus Cristo. A verdade é o próprio Jesus, a Palavra, a revelação do Pai feita carne. O encontro com Jesus Cristo verdade, é o encontro com o Pai: “Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9).

Cristo verdade nos pede para reconhecê-lo e escutá-lo, e afirma: “Quem está na Verdade, escuta a minha voz” (Jo 18,17). Também o Pai nos pede que escutemos o seu Filho “Este é o meu Filho, o predileto, escutai-O” (Mt 3,17).

Como o Pai me conhece eu também conheço o Pai (Jo 10,15). A relação de conhecimento e amor que há entre Jesus e cada um de nós é idêntica àquela que existe entre Ele e o Pai “Assim como o Pai me amou, eu também amei vocês: permaneçam no meu amor” (Jo 15,9). O amor recíproco entre o Pai e o Filho, o mistério que define sua vida, é igual ao que circula entre nós e Ele. A expressão remete ao “dito joanino” de Lucas 10,22, no qual Jesus se enche de alegria ao sentir que ama e conhece os seus irmãos, assim como é recíproco o conhecimento entre Ele e o Pai.

Na experiência de Alberione, e mesmo na sua postura existencial, fica claro que a verdade não nos é dada de uma só vez, mas deve ser buscada e aprofundada permanentemente. É necessário, porém, que a nossa inteligência seja sempre despertada e saiba escutar a história, os acontecimentos, as tendências, as mudanças de época, procurando discernir os sinais dos tempos.

Alimentar-se de cada frase do evangelho

O Bem Aventurado Alberione nos convida a ler, meditar, ruminar, assimilar a Palavra de Deus até que se torne carne da nossa carne; é o segredo para adquirir a mentalidade do Mestre: seu modo de raciocinar, seus critérios, sua maneira de ver a Deus, as pessoas, a história, as coisas... É uma verdadeira encarnação de Jesus Verdade em nós. A palavra só é verdade somente quando se faz carne em nós.

“Faz com que eu ponha meus pés em cada momento sobre tuas pegadas” (DF 40). Esta expressão nos situa numa relação profunda com Jesus Caminho além das normas e dos preceitos. Jesus que se coloca como Caminho é o Filho que nos conduz até o Pai, transformando-nos em filhos como Ele por obra do Espírito Santo. Trata-se então da adesão profunda a sua pessoa, que no sentir de Paulo é: “caminhar Nele, enraizados Nele... Procurando expressar com nossa vida a atitudes de Jesus”. O Nosso empenho de conformação com o

Mestre, não é um voluntarismo que consome, mas resposta amorosa ao Pai que nos predestinou a ser conformes à imagem do seu Filho (Rm 8,29); é também uma resposta amorosa ao mesmo Jesus, que nos recomendou: aprendam de mim (Mt 11,29); e nos indicou como fonte de felicidade o assumir suas mesmas atitudes: “se vocês compreenderem isso, serão felizes se o puserem em prática” (Jo 13,17).

Não se trata de adquirir esta ou aquela virtude do Mestre, mas assumir sua forma (cf. Roatta) “conformar-se”, “configurar-se”: querer e agir como ele; assumir o seu estilo de vida; para que Ele possa expressar-se em minhas atitudes e comportamentos. É uma meta altíssima, e em certo sentido inatingível com as nossas forças, porém imensamente vivificante, porque nos mantém sempre a caminho, de transformação em transformação... Fixando nosso olhar no Mestre, contemplando com o coração suas atitudes, gestos, comportamentos, se despertará em nós o amor e o desejo de parecermo-nos com Ele e de aprender progressivamente suas atitudes, seu modo de amar, de viver.

Se estivermos atentas em conhecer quais são nossas intenções, será mais fácil buscarmos a vontade de Deus sem a mistura de interesses pessoais. Nossa relação vital com o Mestre, nosso discipulado e configuração com Ele se colocam neste nível: na interioridade, no coração, centro das nossas decisões. Um segredo é colocar naquilo que fazemos a nossa mente, nossa vontade, nosso coração, nossa energia, e assim não ficará espaço para mediocridade ou o conformismo espiritual ou apostólico.

No espírito de São Paulo este caminhar em Cristo exige um contínuo passar da morte para a vida; uma dinâmica pascal constante: morrer para as coisas que me fazem mal, para entrar numa vida mais plena, perder aquilo que na realidade não me constrói, para ganhar em profundidade de vida.

As atitudes de Jesus irão brotando do nosso interior, à medida que aceitamos ir além do estreito horizonte de nossos interesses pessoais. Deixa-se o eu egocêntrico = egoísmo e entra o eu oblativo e amante de Cristo; não é uma utopia, é o processo normal de nossa cristificação. Nunca poderemos medir a plenitude e a felicidade que este discipulado nos oferece. “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Jesus é o pastor/cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, que veio para libertar as ovelhas e dar-lhes a vida, sua vida de Filho.

“Eu sou a videira, e vocês são os ramos. Quem fica unido a mim, e eu a ele, dará muito fruto, porque sem mim vocês não podem fazer nada” (Jo 15,5). Encarnar o Cristo em nossa vida é acolher e aderir a esta presença do ressuscitado que habita em nós e viver com Ele não é uma simples relação de proximidade, mas uma relação de intimidade, de conformação. Trata-se de permanecer Nele como Ele permanece em nós, porque Ele permanece em nós. (cf. Jo 15,5). Permanecer em Jesus é uma necessidade absoluta se queremos receber a linfa vital e a fecundidade que nos vem Dele. Jesus é a verdadeira videira (fiel, coerente) que nunca deixará de nos dar vida; Ele prometeu dar-nos vida em abundância e nunca deixará de comunicar-nos esta vida.

Mas é confiado ao ramo dar fruto; isto quer dizer que a Vida da videira pode expressar-se só nos ramos. A vida de Cristo somente se expressa através de nós, somos a visibilidade de Cristo; seu corpo, seu coração, suas mãos. É através de nós que Ele se mostra vivo, dá a sua vida. Os discípulos não podem ser fecundos se não permanecem profundamente unidos ao seu Mestre. Não podemos ser mulheres que comunicam vida, a Vida em abundância que vem do Mestre, se não somos espiritual e apostolicamente fecundas, em uma íntima comunhão com o Senhor.

“Do mesmo modo, também o Espírito vem em auxílio de nossa fraqueza, pois nem sabemos o que convém pedir, mas o próprio Espírito intercede com gemidos inefáveis. E aquele que sonda os corações sabe quais são os desejos do Espírito, pois o Espírito intercede pelos cristãos de acordo com a vontade de Deus” (Rm 8,26-27). Orar é levar ao Senhor as sugestões que o Espírito põe em nosso coração. Paulo diz que o Espírito Santo sempre está nos falando, está gemendo dentro de nós... está nos chamando continuamente.

O protagonista de nossa conformação é o Filho, o qual através do Espírito Santo nos faz semelhantes a Ele. Colaboramos com sua ação mediante:

Uma escuta assídua de Jesus Verdade, que comporta a santificação de nossa mente, mediante o estudo, a estudiosidade, a meditação assídua da Palavra de Deus, que formará progressivamente em nós a mente do Mestre, os seus critérios, seus pensamentos, seus juízos.

Um olhar contemplativo sobre o Mestre para nos deixar plasmar por Ele, que através do seu Espírito quer reproduzir em nós suas atitudes, seu estilo de vida, Jesus modelo de obediência ao Pai, modelo desta intenção.

A acolhida de sua presença viva em nós, permanecendo unidas a Ele como ramo na videira, união habitual com o Cristo Mestre, alimentada pela Eucaristia e pela oração.

Para Pe. Alberione tudo parte, cresce e desemboca no amor. “Amar o Senhor com toda a mente, com toda a vontade... união habitual com todo o coração” Alberione antecipou ao dizer: esta conformidade está precisamente no amor.

“Por isso o Pai me ama, porque eu dou minha vida para tomá-la de novo” (Jo 10,17). Jesus entrega sua vida voluntariamente. Sua entrega não é um morrer, mas um realizar sua própria existência como dom total de amor: o amor é mais forte que a morte (cf. Ct 8,6). Entregar a vida tem como fim recebê-la de novo. Jesus, dando sua vida, a recebe de novo em plenitude: é igual ao Padre, porque não só se reconhece amado, mas ama seus irmãos com o seu mesmo amor. Nele a vida chega a ser o que é: circulação viva de amor, dom recebido e dado. Por isso é o Filho predileto, realização perfeita do amor do Pai.

O Espírito Santo é quem forma em nós a imagem do Filho e nos faz chamar “Aba, Pai”. Ao exortar-nos sobre o reconhecimento da presença e da ação do Espírito Santo em nosso itinerário espiritual, Alberione nos convida a criar as melhores disposições para que o Espírito Santo possa agir em nós com plena eficácia:

“Não entristeçam, não apaguem, não sufoquem o Espírito que habita em vocês” (S. Paulo);

A fé como confiança absoluta e incondicional Nele, que é infinitamente maior que tudo;

A esperança na sua fidelidade, na sua vitória definitiva sobre o mal que nos mantém firmes e seguras em meio a qualquer dificuldade, obscuridade, problema, sofrimento;

A caridade que nos faz experimentar o amor terno e misericordioso do Pai, que não duvidou em nos entregar seu Filho, que desperta em nós uma contínua resposta de amor e nos impulsiona a comunicá-lo aos irmãos.

O Bom Pastor veio para curar nossa cegueira sobre Deus e sobre nós mesmos; “seu barro” quer nos fazer chegar à luz e nascer do alto, da água e do Espírito, para conduzir a humanidade de hoje às fontes da vida.

PS. Na conclusão foi também passada uma apresentação sobre o lava pés.

INFORMATIVO Nº 1

16 de junho de 2009

Dizemos: Seja santificado o teu nome porque pedimos
que em nós seja santificado o Seu nome.
... Ele disse: Sejam santos porque também eu sou santo (Lv 11,45)
Por isso nós pedimos e imploramos que,
santificados pelo batismo perseveremos naquilo
que iniciamos ser e isto o pedimos a cada dia.
(Da liturgia das Horas Quarta-feira da 11ª sem. T.O.)

Queridas Irmãs,

O dia 15 de junho às 16hs00 (hora Argentina), foi dada a abertura ao 6º Intercapítulo da nossa Congregação na unidade da oração e da busca, ao redor do altar do Senhor.

A solene Celebração Eucarística de abertura foi presidida por sua Ex.ª Dom Sergio Fenoy, Bispo de São Miguel, Buenos Aires.

Na saudação inicial Ir. Marta Finotelli, Superiora Geral, convidou-nos a viver este momento como "tempo favorável" na comunhão profunda com Jesus morto e ressuscitado, presente na nossa vida e na de cada Pastorinha que estão nos acompanhando das diversas partes do mundo. Referindo-se depois à liturgia da Palavra, acentuou o paradoxo da vida apostólica e espiritual; o Senhor nos deixa pobres, deixa-nos nas dificuldades e justamente nelas a sua graça manifesta-se, o seu amor resplandece. *"Pobres, mas enriquecemos a muitos, gente que não tem nada, mas, no entanto possuímos tudo"* (2Cor 6,10), disse o Apóstolo Paulo. Isso acontece porém, se na nossa pobreza deixamos Deus agir.

Também o Bispo na sua homilia nos convidou a encontrar a riqueza e a graça do Senhor na nossa história de fraqueza porque justamente ali, Jesus Bom Pastor faz grandes coisas. A Igreja e a Congregação poderiam correr o risco de crer naquilo que aparece, o Senhor ao contrário nos convida a redimensionar o nosso modo de ser, não confiando na exterioridade, na força, somente nas capacidades ou no método porque Ele ama manifestar-se intimamente, na profundidade do coração e não naquilo que aparece e impressiona.

Reunidas em Assembléia, depois de ter invocado o dom do Espírito e feito a oração do subsídio que nos colocou em comunhão com todas vós, Ir. Marta declarou aberta a sessão oficial do 6º Intercapítulo, chamando pelo nome todas as participantes.

Na sua introdução convidou-nos a viver estes dias, de 15 a 28 de junho, como momento favorável para revitalizar a nossa vida pessoal e congregacional e nos ajudar a “*não acolher em vão a graça de Deus*” acreditando que agora é o momento favorável onde o Bom Pastor nos escuta, socorre, acompanha.

Na sala preparada para a assembléia foi colocada no centro a Cruz, a Palavra de Deus, uma pequena fonte a indicar a fonte da vida, a relíquia do Fundador e muitas flores que representavam a cada Pastorinha do mundo.

Foram preparadas três mesas redondas para favorecer a reflexão e o trabalho dos grupos, que foram chamados simbolicamente com o nome de Pedro, Paulo e Divina Pastora.

Foi entregue a cada uma o material para os trabalhos destes dias, em uma bolsa doada pela comunidade da Bolívia, uma pasta artesanal, doada pela comunidade de Salta e tantos outros dons, com um porta-caneta trabalhado a mão além de material didático variado, oferecido pela comunidade Sede da Delegação Argentina.

Depois de termos distribuído as tarefas de organização, recolhemo-nos em oração recordando todas as Irmãs da Congregação, que chamamos pelo nome, louvando o Senhor pela vida de cada uma. No final foi-nos entregue uma *parte de um ícone* que completaremos no final do Intercapítulo. Será uma surpresa para todas conhecê-lo, o qual muito provavelmente nos acompanhará no *pós Intercapítulo*.

Hoje, 16 de junho, é dia dedicado à espiritualidade, no qual fomos convidadas a avaliar e partilhar o nosso serviço evangélico da autoridade; foi animado por Ir. Julieta Stoffel, Superiora Provincial das FSP sobre *A confirmação a Cristo*.

Agradecemos de coração a todas as Irmãs e as comunidades que se fizeram presentes com a oração, o oferecimento e os votos.

Envolvidas nesta esperança de renovação e em comunhão com todas as Pastorinhas do mundo demos início a este evento congregacional colocando ao centro a Palavra de Deus que nos iluminará sempre e a Eucaristia que nos dará a força e será guia para o nosso caminho. Fraternamente

Pelas irmãs Intercapitulares
Ir. Ana Acero e Ir. Lucia Varo

RELATÓRIO DO GOVERNO GERAL

À Assembleia Intercapitular

*“ Bendirei o Senhor todo o tempo,
e minha boca cantará o seu louvor”
(Sl 33,2)*

Introdução

Desejo iniciar esta avaliação dos três anos de caminho de 7CG, em atitude de “Benção”. Sim, bendizer ao Senhor da vida e da História com vocês, louvar a SS. Trindade, por tudo o que realizou em nossa Congregação nestes anos e pelo Amor, absoluto e gratuito, manifestado a nós em cada circunstância. É a nossa história de salvação que celebramos nesta assembléia Intercapitular! Confiamos e entregamos a Jesus, nosso Bom Pastor, o caminho percorrido nos seus altos e baixos, nas suas “caídas” e “reerguidas”, como é, aliás da vida cristã.

Enquanto com vocês louvo e bendigo ao Senhor, peço também a sua misericórdia para mim e para cada Pastorinha, pela incorrespondência a tanto cuidado amoroso derramado sobre nós, e por todas as omissões que impediram a sua obra de Salvação para cada pessoa confiada ao nosso ministério pastoral em cada Circunscrição.

Vivemos na época da pós-modernidade, marcada por uma vasta e profunda “crise” que é muito maior do que a econômico-financeira, porque atinge os mais variados e delicados campos da vida humana. Esta “passagem difícil”, sem dúvida, está interpelando em profundidade também a nossa Congregação e a cada uma de nós. A grande crise que, já há tempo, está tocando a vida cristã e a transpassando, assim como a vida religiosa, seja, portanto, colocada no contexto mais amplo do mundo. E ao mesmo tempo em que nos faz sentir vulneráveis e impotentes, está solicitando também a nossa responsabilidade de crentes e de consagradas que escolheram testemunhar o primado de Deus e a sua Caridade nesta história que é e continua sendo história de Salvação.

Somos, portanto, chamadas a olhar com espírito de fé e com esperança esta realidade, porque nela o Senhor continua a falar e a assumir o cuidado do seu povo. A nossa vida e a vida das Irmãs, das nossas comunidades e Circunscrições é assim interpelada diretamente a redescobrir e cultivar o dom da fé que sempre deixa o primado à iniciativa de Deus, o Único que nos faz ler a história humana e as nossas histórias pessoais com os olhos do Ressuscitado, olhos não ofuscados pela lógica mundana, mas conscientes que somente Deus perscruta em profundidade as realidades e o íntimo de cada ser humano.

Agradecemos ao Senhor que nos permite celebrar o nosso 6º Intercapítulo justamente no “Ano Paulino” que está para concluir-se e no “Ano Sacerdotal” que está para ser proclamado pelo Papa Bento XVI, no próximo dia 19 de Junho de 2009, por ocasião do 150º aniversário da morte do Santo Cura d’Ars. São Paulo Apóstolo e S. João Maria Vianney foram dois grandes pastores a serviço do rebanho de Cristo, Pastores para estudarmos a vida e imitarmos o estilo de “cura d’anime”, como nos indicou várias vezes o nosso Fundador, o Bem Aventurado Tiago Alberione.

Confiamos à intercessão deles o desenvolvimento do nosso Intercapítulo, pedindo a graça de permanecer sob o influxo poderoso do Espírito Santo que nos dá a vida nova em Cristo e nos torna capazes de uma vida de comunhão, de procurar juntas aquilo que o Pai pede a nossa família religiosa para o futuro próximo.

Antes de entrar nas áreas da programação, desejo recordar o espírito com o qual agimos como Governo Geral, desde o início de nosso mandato 2005-2011. Consideramos o nosso serviço como uma “expressão” do ministério de cura pastoral, que une todas as Pastorinhas e nos solicita a cuidar e fazer amadurecer o dom da vocação de cada irmã, com a consequente escolha de acompanhar cada Circunscrição de maneira personalizada, a partir das indicações emersas do 7CG².

Com este espírito consideramos agora as áreas programáticas, à luz do objetivo capitular³ e das orientações comuns de como vivemos no primeiro triênio do presente mandato.

A vida em Cristo Pastor (área do estilo de vida)

No empenho assumido, na sede capitular, de visitar e recompreender as raízes da nossa fé, para viver em contínua conformação a Cristo pastor, favorecemos uma reflexão mais aprofundada sobre a vida nova, recebida no batismo. A redescoberta do encontro vital com Cristo, motivo fundamental da nossa escolha de vida e do nosso empenho apostólico, tem como finalidade ajudar-nos a reencontrar a identidade de “pessoas ressuscitadas”, procurando evitar o risco de viver a vida nova com a mentalidade e hábitos do homem velho⁴.

Conscientes de que a vida nova recebida no batismo é um caminho dinâmico pascal, o qual envolve pessoas e comunidades, guiou-nos o desejo de favorecer ao interno de nossa família religiosa, uma maior sinergia⁵, que

² Cf. Orientações para a programação do sexênio 2005-2011- Casa Geral, 26/11/’005,p.1.

³ “Em contínua conformação a Cristo Pastor aprofundamos e reexpeçamos mistério de cura pastoral para conduzir a humanidade de hoje às fontes da Vida”.

⁴ No fundo é todo o percurso que o Fundador propõe com o Donec Formetur.

⁵ Uma ação fruto das energias conjuntas de Deus e da pessoa humana em Cristo.

reforçasse o sentido da pertença, a co-responsabilidade, a comunhão e a partilha dos dons que Deus vai dando a nossa Congregação, para uma missão pastoral realmente profética.

A este respeito foram propostas diversas iniciativas: a memória do batismo⁶, com a recordação na oração de cada irmã, no aniversário do próprio batismo; o revisitar a vocação cristã como fundamento do caminho na vida religiosa, para re-centrar a existência sobre Cristo e não mais sobre um “eu” auto-referencial; a releitura da cura pastoral à luz da experiência dos santos Pastores Pedro e Paulo, através da Lectio contínua do livro dos Atos dos Apóstolos⁷, com a proposta de fichas de reflexão e oração, para o advento e a quaresma. A proposta de retiros, exercícios espirituais e encontros comunitários sobre o mesmo tema, que ajudassem para que nada em nós seja subtraído da influência de Cristo.

Dedicamos o ano 70º de fundação da Congregação⁸ à santidade de vida e elaboramos uma oração para pedir o dom da santidade. Algumas comunidades assumiram esta oração para ser rezada também nos próximos anos e em algumas Circunscrições tiveram a iniciativa de rezá-la junto com os Cooperadores leigos.

Notamos o quanto o rezar juntas, cria relações de comunhão e de solidariedade em toda a Congregação, seja através da corrente de oração com a intenção mensal para cada Circunscrição e para a Família Paulina; seja fazendo a memória do aniversário e do batismo; seja através do pensamento cotidiano do Fundador que está na agenda da Família Paulina que enviamos anualmente para todas as comunidades. Também a iniciativa da adoração noturna, cada sábado, pelas necessidades da Congregação e da humanidade de nosso tempo, recebeu uma adesão entusiasmada.

A urgência de sermos por primeiro re-evangelizadas, impulsionou-nos a organizar também as visitas canônicas sobre o tema “*O encontro com Cristo renova a nossa cura pastoral*”. As visitas, tendo uma temática comum, que brota na Palavra de Deus, no Magistério da Igreja e do Fundador, foram desenvolvidas com modalidades diferentes, combinadas cada vez com os governos de Circunscrições, para harmonizar o tema comum com o ritmo e o caminho de cada realidade local. Pudemos partilhar com cada irmã, na simplicidade do encontro fraterno, o itinerário batismal que levou cada uma a viver a livre assimilação do dom da fé para ser sempre mais Irmã “de” Jesus Bom Pastor segundo o coração do Pai, na vocação pastoral.

⁶ Juntamente com o livrinho dos aniversários foi elaborado um livrinho dos batizados e entregue anualmente a todas as comunidades da Congregação.

⁷ Foi enviado à cada comunidade o fascículo contendo o comentário de Pe. Pino Stancari ao livro dos Atos dos Apóstolos durante o 7CG julho de 2005.

⁸ O dia 7 de outubro foi precedido por um tríduo de oração vivido em toda a Congregação (cf. Fascículo: O Tríduo em preparação aos 70 anos de fundação outubro 2008).

Diversas Circunscrições pediram para serem acompanhadas também através de cursos de *exercícios espirituais dirigidos*, que precederam ou animaram a própria visita canônica. Os exercícios espirituais propõem um caminho que ajuda a viver a vida nova na vida ordinária, desmascarando a falsidade do homem velho para viver segundo a nossa verdadeira identidade. Foram ocasião favorável para um acompanhamento mais personalizado seja de cada irmã, seja das comunidades que participaram. Em nosso serviço da autoridade evangélica experimentamos a alegria e o gosto espiritual de visitar as diversas Circunscrições, participando dos cansaços, dos projetos, desafios e das esperanças de cada uma.

Através das visitas breves, sobretudo no ano 2006, procurou-se promover o sadio costume de cuidar da comunicação entre os governos de circunscrições e o governo geral e da comunhão de vida no interior dos grupos de governo, para viver o serviço como uma oportunidade de purificação e de crescimento na coerência da vida. É este também um modo de partilhar com as irmãs da comunidade aquilo que por primeiro vivemos. Também o 2º Conselho geral ampliado foi vivido com este mesmo espírito. Para incrementar a atitude de partilhar o que vivemos, no “Comunichiamo Tra Noi” (CTN) é contata, tanto a experiência das irmãs do governo geral como a de cada grupo de governo em rodízio.

Também a costumeira carta: “*Escrevo a vocês Irmãs*”, fruto do diálogo com o Senhor, diante da experiência vivida na Congregação, na Igreja e no mundo, pensamos em oferecer um encorajamento para dar maior atenção a nossa conformação a Cristo. Um processo que passa pela disponibilidade de dizer com a vida, de maneira sempre mais evidente e mais clara, o núcleo fundante do chamado batismal, que é para todos os cristãos. Ao mesmo tempo, queremos nos ajudar a entrar juntas, e sempre mais, na dinâmica do Espírito, o único que pode nutrir o nosso olhar de fé e nos ajudar a compreender como e onde Deus nos fala hoje.

É o olhar pascal sobre a realidade que nos faz descobrir também nos sinais de morte presentes na Congregação, os germes de vida que nos abrem à esperança e nos estimulam a refletir e a recordar a essência de nossa vocação. Santo Eusébio de Cesárea disse que a vida religiosa nasceu por excesso do amor a Deus, e a esse “excesso” que somos chamadas a retornar para encontrar gestos que falem de Deus e de seu Reino também hoje.

Às vezes em nosso estilo de vida, acentuamos mais a dificuldade do caminhar, do procurar, do discernir juntas, do que na beleza da novidade cristã como expressão da dignidade da pessoa e da comunhão entre as pessoas.

Sabemos que as duas realidades são co-relacionadas, sozinhas são mancas, ao passo que juntas exprimem o Evangelho.

Infelizmente, percebe-se uma forte resistência em nos colocarmos nós mesmas nas mãos das Irmãs, como prometemos na profissão religiosa, tornando assim sempre mais frágil a graça da obediência e penosas as relações fraternas, esquecendo que estamos juntas por causa de Cristo. Isso vai enfraquecendo o sentido da pertença e a disponibilidade para assumir serviços comuns tanto na formação, quanto no Governo da Congregação. Circula com frequência certo pessimismo, talvez devido à idade que avança, à falta de vocações, às doenças sempre mais freqüentes, que nos faz esquecer que o ser reduzidas e podadas, o ser pequenas e pobres pode ser uma oportunidade para tornar mais transparente a vida religiosa, chamada a encarnar uma alegria e uma pertença diferentes daquelas propostas pelo mundo. Descobrir a alegria que o Pai prova por nós, no Filho, justamente porque necessitamos de salvação, é um convite sempre atual. A nossa fragilidade e fraqueza confiadas a Ele, faz-nos tocar com a mão o seu desejo de também nos colocar em condições de gozar a fraternidade nas nossas comunidades e na companhia de nossos contemporâneos.

Experimentamos, algumas vezes, a dificuldade de fazer chegar a cada irmã o material que propomos para o caminho comum. Enfatizamos a exigência que, quem exerce o serviço da autoridade nas Circunscrições, motive mais as Irmãs para assumir e participar do que é proposto para toda a Congregação. Algumas Irmãs há anos não participam das iniciativas congregacionais. Isso pode evidenciar um enfraquecimento do sentido de família, uma espécie de cansaço nos empenhos assumidos com a escolha de vida e um acentuar-se do individualismo que dificulta e torna pesado o caminho comum, além de minar a autenticidade vocacional.

Estão sendo mais freqüentes os pedidos para ausência da comunidade nas primeiras dificuldades dos familiares; além disso, se percebe a facilidade com que se ausenta dos compromissos pastorais assumidos, para participar de acontecimentos de familiares ou de amigos. Também estas atitudes nos interpelam sobre a necessidade de nos chamar novamente a um maior sentido de responsabilidade e de equilíbrio, verificando no diálogo com cada irmã as reais ou presumidas exigências que são apresentadas.

Com o coração agradecido ao Senhor constatamos que diversas Irmãs aprenderam a acolher o mistério pascal implícito na vocação cristã e estão enfrentando mais serenamente a velhice, a doença e as dificuldades, tanto no apostolado como na família de origem. Algumas Irmãs têm desenvolvido uma bonita vivacidade pastoral que deve ser sustentada e encorajada até o fim, acompanhando-as de perto.

Um bom número de Irmãs participa com alegria e responsabilidade nas diversas iniciativas congregacionais e manifestam gratidão para com a família religiosa por tudo quanto recebem. Apreciamos muito a participação ativa de algumas Irmãs na preparação do Seminário sobre a cura pastoral proposto com o itinerário da lectio divina através das cartas paulinas, com as fichas enviadas no 2007-2008. Tornamo-nos sempre mais conscientes que o desafio, para todas nós, é reencontrar a coragem de recomeçar cada dia, para dar um novo salto na nossa vida fraterna e apostólica para que aquilo que anunciamos seja antes de tudo vivido por nós.

Dá esperança a responsabilidade com a qual algumas Irmãs se empenham no próprio caminho espiritual e a sua atenção às relações fraternas, às vezes mesmo remando contra a corrente, a fim de salvar espaços necessários para manterem-se espiritualmente vivas e pastoralmente criativas. O desejo de santidade presente no coração destas irmãs exprime uma bela pastoralidade, vem, de fato, alimentado também por uma reflexão e um discernimento sobre o contexto eclesial e social contemporâneo.

A crise econômico-financeira mundial interpela também o nosso modo de viver a pobreza e nos pede de rever alguns hábitos de procurar para nós sempre e rápido aquilo que falta, de evitar cada mal-estar e pequenas privações esquecendo as dificuldades em que vive o povo simples. A nossa solidariedade com os pobres começa justamente no estilo sóbrio e essencial da nossa própria vida.

Adverte-se a exigência de incentivar, em todas as Irmãs, uma mentalidade intercultural, com maior troca de dons, de recursos, de pessoas disponíveis para a missão, de iniciativas comuns. Isso cresce também através de uma comunicação mais freqüente e uma sensibilidade mais aberta a ter presente a realidade não só da própria Circunscrição, mas de toda a Congregação. Para este fim se favoreceu a constituição de comunidades internacionais e de experiências apostólicas em países diversos do próprio.

Ministério de cura pastoral (Área da missão)

Parece-nos que nas diversas Circunscrições se está considerando substancialmente o objetivo do 7CG com a intenção de aprofundar e compreender sempre melhor o ministério de "cura pastoral" e de poder re-expressá-lo à luz das orientações do Beato Alberione. Percebe-se o empenho de reapropriarmos-nos responsavelmente da preciosa herança carismática, nos deixada pelo Fundador. Empenho, porém, que seja mais acompanhado na tentativa de percorrer "novos caminhos" para exprimir a nossa "cura pastoral", em um mundo com a tendência de se viver como se Deus não existisse. Nas visitas fraternas consideramos a urgência de nos interrogar seriamente sobre nossa presença na Igreja local,

também à luz da tríplice obra para um relançar-se na missão pastoral a partir de uma vida interior mais intensa que nos leve à “cura d’anime”.

Diante de um panorama mundial em que o cristianismo não é mais a religião dominante, no qual se evidencia desafios de natureza sociológica, psicológica e espiritual, em que cada país está se tornando sempre mais uma miscelânea de identidades e de diversidades lingüísticas, culturais, étnicas, religiosas, também a nossa Congregação está sendo fortemente interpelada. Faz-se sempre mais necessário, em cada Circunscrição, dar uma maior atenção a esta realidade e às novas instâncias da Igreja local, através de uma reflexão comum, mais atenta e precisa para descobrir as modalidades de presença que sejam incisivas especialmente sob a ótica da evangelização e do acompanhamento da fé.

Na avaliação das “linhas de ação” propostas pelo 7CG e aplicadas nas diversas Circunscrições constatamos que em quase todas as Irmãs permanece viva a experiência do carisma e o desejo de vivê-lo o em qualquer situação e idade. Com frequência se enfatiza no diálogo a validade do mesmo e o desejo de ser-lhe fiel. Porém nos parece que seja ainda fraca a atitude de discernimento em vista de um modo renovado de exprimir a nossa vocação pastoral hoje. Muitas vezes as urgências não permitem de dar o tempo necessário para uma reflexão comum, atenta e criativa no Espírito.

Por ocasião de fechamento ou abertura de comunidades, se constatou, na maioria vezes, certo cuidado no seguir os critérios indicados no documento Serviço Evangélico da Autoridade⁹, outras vezes, ao contrário, pareceu-nos que na Circunscrição não se tenha feito um discernimento suficiente e faltaram as condições para se chegar a uma escolha serena e a uma comunicação adequada e completa com o governo Geral.

O convite para procurar “novos caminhos” pastorais numa visão ampla e aberta de colaboração encontrou eco em algumas Circunscrições que estão experimentando formas mais propositivas e significativas no contexto eclesial e social em que vivem. Em algumas Circunscrições, está atrasado este processo de descoberta de “novas vias” e sua experimentação, talvez por causa da idade avançada da maioria das Irmãs, da pouca saúde, da tendência em retirar-se do apostolado e apegar-se aos seus próprios males. Muitas vezes as energias são absorvidas mais pelas urgências do que pela perspectiva a longo alcance.

No acompanhamento das fases de fechamento ou abertura das nossas presenças apostólicas solicitamos a por atenção particular às aberturas em caráter *ad experimentum*, como espaço para melhor avaliar a inserção antes de assumi-la. Sugeriu-se de favorecer experiências ecumênicas significativas, presenças mais qualificadas no âmbito da imigração, desenvolvimento e experiências de grupos

⁹ SEA, Manuale per le superiore entregue no 7CG 2005.

de Cooperadores nossos, na espera de podermos ter indicações claras a respeito do Estatuto da Associação dos Cooperadores na Família Paulina¹⁰.

As novas aberturas em *experimentum* nas diversas Circunscrições¹¹ tiveram como objetivo próprio experimentar novas expressões pastorais sobre as quais refletir-se-á depois em sede capitular. Em algumas dessas já se realizou uma avaliação e foi orientado para elaborar o contrato com a diocese; outras ao invés, estão ainda em fase de experiência. Possíveis confrontos se encontram nos relatórios preparados pelos governos de Circunscrições.

A experiência desejada pelo 7CG¹², com o objetivo de oferecer uma contribuição à reflexão-ação da “cura pastoral”, foi considerada nas Circunscrições em modos e medidas diferentes. Essa poderá ser matéria útil para o próximo Seminário. Por ocasião da visita canônica convidamos a avaliar qual aspecto da “tríplice obra”¹³ está se dando ênfase na Circunscrição.

O espírito pastoral continua a favorecer o empenho também das Irmãs mais idosas ou doentes. Vimos Irmãs com idade avançada continuando a doar-se com alegria e generosidade. Favoreceu-se também um maior envolvimento dessas irmãs através de um empenho apostólico feito de oração e oferta, dando a elas alegria e a possibilidade de acompanhar mais de perto o caminho de toda a Congregação.

Através das visitas fraternas breves e finalizadas, a visita canônica, as ressonâncias das cartas da superiora geral, a informação-formação com o site institucional e o CTN, os colóquios pessoais, colhemos o desejo de viver uma verdadeira espiritualidade de comunhão, uma volta sempre nova às raízes da nossa vida cristã e da nossa vocação pastoral.

Também por meio de alguns instrumentos¹⁴, enviados nestes anos, se quis promover uma maior e profunda interiorização da Palavra de Deus para favorecer a evangelização numa linguagem mais adequada aos destinatários de nossa missão.

Enquanto cresce a consciência de sermos depositárias de um carisma precioso de cura pastoral, caracterizado por uma forte espiritualidade, ajuda-nos o caminho que estamos fazendo rumo à realização do Seminário sobre o ministério da cura pastoral, em vista de um novo impulso apostólico que responda aos desafios da atual sociedade necessitada de Deus. A partir da análise da

¹⁰ O novo Estatuto dos Cooperadores Paulinos está em fase de elaboração através de uma equipe intercongregacional.

¹¹ Neste triênio foram abertas cinco novas comunidades: Perquenco (CI-PE), Campo Belo e Londrina (BR-CdS Uruguay), Barletta (ICS Albânia), Modena (ICN- Moçambique).

¹² Cf. Atos 7CGp. 274

¹³ Instrução, formação e santificação cristã.

¹⁴ Fichas sobre os Atos dos Apóstolos em Advento e Quaresma; Lectio divina em preparação ao Seminário sobre a “cura pastoral”(cinco fichas); as novenas em ocasião dos eventos congregacionais.

situação, e se deixando iluminar pelo Espírito Santo, a nossa missão de mães e irmãs na fé, poderia desenvolver-se qualitativamente mirando um ministério de acompanhamento pessoal que ofereça ao povo de Deus acolhida, escuta, guia, orientação, auxílio na procura do Senhor e da verdade de si mesmo.

Além da redescoberta da dimensão contemplativa do nosso carisma¹⁵, pode sustentar as comunidades cristãs uma pastoral mais incisiva, capaz de favorecer a obra de Deus e não só promover atividades. O nosso estilo de presença deveria ajudar muito mais os agentes de pastoral a privilegiar aquilo que forma cristãos adultos na fé, maduros na caridade e firmes na esperança. A este propósito algumas das nossas comunidades religiosas poderiam tornar-se lugares nos quais oferecêssemos mais espaços de oração, de silêncio, de reflexão, de escuta da Palavra e de discernimento pastoral.

Para algumas Circunscrições será necessário chegar à constituição de “comunidade de testemunho”, na qual as Irmãs idosas possam oferecer prevalentemente uma evangelização através do testemunho de suas vidas consumadas pelo Senhor e pela salvação das pessoas.

Isto vai requerer maior coragem para rever as inserções, retirar-nos de alguns lugares e favorecer novas. Desejamos que o Seminário sobre a cura pastoral possa dar uma boa contribuição para o desenvolvimento do nosso ministério apostólico, seja numa escuta mais atenta da realidade na criatividade do Espírito seja no orientar-nos decisivamente para as novas formas de presença que exprimam a nossa “cura d’anime”.

Bispos, sacerdotes e leigos, em muitas ocasiões expressaram a estima pelo nosso carisma que é considerado muito atual e necessário na Igreja. Porém, em relação à colaboração pastoral, convidamos as irmãs a colocarem-se de modo evangelicamente sábio na relação com os pastores da Igreja, com as pessoas, com os movimentos eclesiais e os vários grupos, para favorecer a comunhão entre as diferentes expressões eclesiais.

Com relação às aberturas missionárias confiadas às diversas Circunscrições, faz-se necessária uma maior solidariedade para sustentar as atuais e eventualmente promover outras. Entre estas uma atenção particular poderia ser dirigida ao Vietnã¹⁶, ao Equador¹⁷ e à China.

¹⁵ PrP III p.201 “A redenção é a meta da vida pastoral de Jesus, é a finalidade constitutiva da missão da Pastorinha. Jesus veio sobre a terra mas permanece no seio do Pai; a Pastorinha deve estar sempre na Igreja e sempre no meio do povo. A vida mais unida a Deus e a vida mais ativa para as almas com liberdade de espírito. A vida mais contemplativa com a vida mais ativa: este è o ponto mais difícil, mas constitutivo da missão da Pastorinha”.

¹⁶ Na visita breve à Ásia e Oceania se confiou a tarefa de sondar a possibilidade de uma abertura comum às PI e à K.

¹⁷ Como possível abertura solidária das Delegações de língua espanhola

Enquanto, por um lado notamos uma maior atenção ao caminho comum da Congregação, na conformação a Cristo e no dar maior qualidade e eficácia à nossa “cura d’anime”, parece-nos, ao invés, difícil uma leitura sapiencial das mudanças da humanidade de hoje e muito lenta a elaboração de uma proposta evangelizadora que responda mais à realidade de hoje.

Apenas acenamos a dois fatos importantes, cuja observação requereria o nosso atento e sábio discernimento pastoral: a cultura da *comunicação midiática*: os meios de comunicação se revestem de um papel sempre maior. Notemos que podem não só enfatizar e narrar, mas também ignorar e remover. São eles que constroem os acontecimentos fazendo da comunicação a arma decisiva para produzir e não somente narrar um fato. Além disso, se acrescenta uma dificuldade específica para a comunicação sobre temas religiosos e eclesiais¹⁸. Está emergindo uma nova consciência da questão midiática enquanto portadora de uma nova cultura;¹⁹ estão se modificando sempre mais os próprios conceitos de espaço e de tempo²⁰, porém, mais na raiz se adverte o perigo de separar a informação da consciência, a notícia do juízo, a narração do *ethos* coletivo.

O outro fato é o *Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus* que nos chamou à centralidade da Escritura para a vida cristã. Isso requer uma aproximação que seja rigorosa e ao mesmo tempo espiritual e existencial, a capacidade de adaptar vitalmente a tradição bíblica aos contextos histórico-sociais: tudo isso parece retalhar um papel central próprio à vida consagrada. Quando em nossas comunidades se faz a lectio divina, com seriedade na leitura, com esforço de traduzir na vida aquilo que se lê, para além de nossos limites, contradições e pecados, a nossa vida consagrada é percebida pela Igreja como uma interpretação viva e uma leitura espiritual das palavras evangélicas de Jesus. O seguimento cristão marcado pelos votos religiosos constitui de fato um tipo de hermenêutica eclesial daquilo que o Cristo fez e sofreu e da vida que Ele e Maria sua Mãe abraçaram. A forma de vida evangélica que testemunhamos como consagradas não poderia significar aquilo que a Igreja está procurando para o seu futuro?

¹⁸ A dificuldade com respeito à mídia è assim sintetizada pelo cardeal e teólogo A. Dulles: “Com relação à mensagem de fé a mídia privilegia o espetáculo; com relação à tradição privilegia as novidades; com relação aos bens espirituais privilegia os fenômenos tangíveis; com relação à estrutura eclesial privilegia a democracia liberal; com relação ao magistério privilegia o dissidente; com relação à complexidade teológica a banalidade comunicativa.”

¹⁹ Diretório sobre as comunicações sociais na missão da Igreja, 2004, n. 11: «Podemos dizer que a mídia é portadora de uma nova cultura, na medida em seu modo de funcionamento [...] leva a modificar a tradicional relação com a realidade e com as outras pessoas e a fazer valer novos paradigmas e modelos de vida».

²⁰ Diretório sobre as comunicações sociais na missão da Igreja, 2004, n. 170: «Mais que um instrumento, o espaço virtual é um novo contexto. Estão mudando os conceitos de espaço e de tempo. È verdade que a multimídia existia antes da chegada das novas tecnologias, mas hoje é realizada em modo novo enfatizando-lhe a importância social».

Pastoral vocacional e formação (Área da formação)

Somos agradecidas a Jesus Bom Pastor que continua a chamar jovens para a nossa Família religiosa, todavia nos interpela fortemente para a qualidade da nossa proposta formativa, a sua solidez no plano teológico, ascético, espiritual e a incisão educativa do nosso estilo de vida pessoal e comunitário. Os abandonos freqüentes no período da formação inicial evidenciam não só a fragilidade e inconsistência das novas gerações, mas também a nossa pobreza, incoerências e insuficiências na formação contínua.

Durante o 7CG foi apresentado e entregue o novo Plano Geral de Formação e Estudos²¹. Todas as Circunscrições começaram a aplicá-lo e adaptá-lo na própria realidade, fazendo a tradução na língua portuguesa, espanhola e coreana. Está ainda na elaboração a tradução inglesa. Nas orientações para o sexênio²² motivou-se para estudar os conteúdos fundamentais do PGF e a planificar os estudos através de um projeto formativo que garanta uma profunda e sólida preparação doutrinal e teológica que brote da Palavra de Deus, da Tradição da Igreja²³ e do patrimônio Carismático. A este propósito estamos nos interrogando sobre o pedido de conjugar melhor na formação uma sólida espiritualidade a uma preparação intelectual mais qualificada²⁴.

Nestes anos a Comunidade Estudos/Carisma da Traversari acolheu e acompanhou com cuidado as Irmãs estudantes do curso sobre o Carisma da Família Paulina. A convivência internacional está se revelando uma riqueza, seja pelo aprofundamento do nosso carisma através da elaboração de uma monografia final por parte de cada estudante, seja pela experiência de fraternidade que alimenta o sentido de pertença a uma única família. O Curso é atualmente objeto de reflexão dos governos gerais da Família Paulina em vista de melhorar os conteúdos e as modalidades para que possa responder sempre melhor às exigências dos participantes.

A partir do objetivo do 7CG e das linhas de ação²⁵, encorajamos as Circunscrições a manter a atenção na pastoral vocacional. Como previsto nas orientações para a programação, algumas Circunscrições destinaram Irmãs em tempo integral para o acompanhamento vocacional ou foram qualificadas Irmãs para a formação inicial.

Notamos que em todas as Circunscrições continua o empenho na pastoral vocacional também através de projetos e iniciativas adequadas para um melhor acompanhamento às jovens que estão em busca.

²¹ PGF 2005.

²² Cf. Orientações para a programação do sexênio 2005-2011, p.9.

²³ Em particular um maior conhecimento dos Padres da Igreja e para quem tem condições também o estudo das línguas bíblicas.

²⁴ Cf. Atos 7CG, p. 296.

²⁵ Cf. Atos 7CG, p. 275.

Cresceu a colaboração entre as diversas Circunscrições para uma resposta mais adequada às exigências da formação. As duas províncias italianas trabalharam juntas na Pastoral Vocacional e formação inicial; as brasileiras elaboraram um projeto formativo comum às duas Províncias. As Delegações de língua espanhola constituíram um Noviciado único em Bogotá. Também para o Juniorato, especialmente no oriente, estão acontecendo iniciativas formativas entre as Circunscrições. Algumas junioristas coreanas, de fato, durante o seu itinerário de preparação à profissão perpétua, estiveram nas Filipinas para a experiência pastoral.

Inicialmente foram constatadas as inevitáveis dificuldades devido às diversidades culturais, mas também estas se revelaram positivas para o caminho formativo de cada jovem.

A colaboração entre as diversas Circunscrições promove a internacionalidade, enriquece as culturas, alarga os horizontes pastorais e promove um mais forte sentido de pertença a toda a Congregação. É certamente um bonito testemunho que deixa esperança para o futuro.

Está em projeto a possibilidade de algumas jovens junioristas fazerem experiência apostólica em alguma comunidade italiana, enquanto se preparam para participar ao curso internacional de preparação imediata à profissão perpétua, que se realizará em Roma em abril – junho de 2010.

Foi constatada a necessidade de dar mais atenção à formação no juniorato porque a tendência é descuidar da importância decisiva desta etapa, não levando em conta o risco do ativismo e da dispersão interior²⁶. Se queremos que a formação seja sólida, então é necessário que cada uma se torne sempre mais pessoalmente responsável pela continuidade da própria formação, levando em conta que esta atitude é também um dos critérios para admitir à profissão perpétua. Pode ser também útil que nos primeiros anos da profissão perpétua seja oferecido um acompanhamento sistemático em nível espiritual e pastoral.

Também nas visitas breves e concluídas refletimos juntas sobre a necessidade de que cada grupo de governo, como mais vezes já se insistiu, promova uma formação permanente que ajude a amadurecer e avançar nos anos de maneira sábia e fecunda. Em diversas ocasiões orientamos encontros de formação para as formadoras e para as superiores de comunidade para ajudá-las a viver sua missão de animação e acompanhamento sob a guia do Espírito.

²⁶ “O pecado mais grave è aquele de mandar as jovens imediatamente depois da Primeira profissão para as atividades apostólicas sem continuar a formação, sobrecarregando-as de trabalho e de responsabilidades pelas quais não estão suficientemente preparadas, ou então empenhando-as num estudo tão absorvente de não dar espaço para cultivar com a devida intensidade a relação com Deus e a vida de comunidade. Acontece com freqüência que o jovem se deixa absorver pelo estudo ou pelo ativismo, perdendo a qualidade em outros aspectos essenciais até numa espécie de anemia espiritual” Carlos Palmes, CLAR 3,2007,p.62.

Também as jovens em formação foram encontradas pessoalmente e, onde foi possível, como grupo, para conhecê-las e avaliar mais diretamente a consistência do seu chamado à nossa família religiosa.

Com relação ao compromisso formativo de nossa Congregação sentimos também a urgência de habilitar-nos para acompanhar na fé o caminho de tantos cristãos que estão em dificuldade e correm o risco de abandonar a Igreja. É preciso, para este propósito, preparar as novas gerações de Pastorinhas para que saibam dar respostas válidas aos novos desafios da evangelização. E ao mesmo tempo continuar a oferecer um acompanhamento mais intenso às Irmãs empenhadas na formação inicial e permanente.

Uma das tarefas formativas confiadas ao Governo Geral no 7CG era promover o aprofundamento do “ministério de cura pastoral” e organizar um Seminário Internacional para manter vivo o carisma, poder re-expressá-lo no contexto atual e transmiti-lo às novas gerações. No início consultamos Dom Lorenzo Chiarinelli, bispo de Viterbo e Pe. Tiago Morandi, biblista que nos orientaram a dar um primeiro passo através de algumas lectio²⁷. As comunidades foram convidadas a enviar a própria contribuição à secretaria de sua circunscrição, enquanto às irmãs foi pedido de enviar diretamente à Superiora Geral. Recolhemos tudo que chegou fazendo uma síntese para cada ficha. O material recolhido será estudado pela Comissão e utilizado no Seminário.

De fato, a preparação imediata ao Seminário será realizada com a ajuda de uma pequena comissão de irmãs, às quais será pedido também a preparação do 8CG. Pe. Giancarlo Rocca, ssp também está nos ajudando nesta primeira fase. Informações mais detalhadas serão dadas no decorrer do Intercapítulo.

Incentivamos as Circunscrições a enviarem irmãs para o Curso de Formação sobre o Carisma da Família Paulina. Os participantes deste curso têm a possibilidade de ir às fontes da própria identidade carismática e adquirir uma visão global do ser Família Paulina na unidade e complementaridade dos vários carismas. Nestes três anos algumas Circunscrições deram uma resposta positiva a este convite.

Nos últimos encontros dos governos Gerais da Família Paulina, partindo do tema “Jovens e carisma Paulino” e olhando a especificidade da formação Paulina, se chegou a um estudo comparativo sobre o que e Bem Aventurado Alberione disse a cada instituto da Família Paulina, do qual foram nucleados os valores e princípios essenciais comuns. No XXVI encontro dos Governos Gerais emergiram *Linhas formativas comuns* e foi elaborado um texto de síntese: *“A formação*

²⁷ Para isso pedimos a Pe. Morandi de preparar 5 fichas para um itinerário sobre as carta paulinas.

Paulina: para um ponto de partida comum". Tal texto constituirá a premissa dos projetos formativos de cada congregação Paulina.

Serviço evangélico da autoridade e administração (Área do Governo)

*"No coração de quem escuta penetra mais facilmente a palavra creditada pela vida de quem a proclama"*²⁸. Ao dar orientações, como grupo de Governo, empenhamo-nos em vivê-las por primeiro, mesmo com os nossos limites, para poder animar com amor e credibilidade a Congregação. A iniciativa de recordar diante de Jesus Eucarístico cada Pastorinha, chamando-a pelo nome, durante as festas particulares da Congregação e do ano litúrgico, é um modo privilegiado que assumimos para acompanhar no Senhor o caminho de cada uma e também para pedir a intercessão das nossas Irmãs que já formam a comunidade do Céu.

Escolhemos desde o início do nosso mandato, o texto Paulino Cl 3,12-17, no qual nos inspiramos para o estilo de viver as relações no interior de nossa comunidade e no serviço a nós confiado. Sobretudo ao redor da Palavra e da Eucaristia, quisemos criar a unidade e a comunhão entre nós e com todas as Irmãs da Congregação.

O método usado foi o de experimentar em nosso pequeno grupo o que depois proporíamos nas visitas fraternas, bebendo na sabedoria dos Padres que dizem: "jamais ensinei alguma coisa sem antes tê-la eu mesmo colocado em prática"²⁹.

Nem mesmo quisemos programar tudo desde o início do serviço, para poder permanecer mais abertas ao Espírito e acompanhar mais de perto o caminho de cada Circunscrição, conhecendo a sua vida e respeitando o processo que estão fazendo. Para isso foram realizadas as visitas breves que nos deram a possibilidade, através de um primeiro contato, de conhecer as irmãs e comunidades e as várias situações de cada Circunscrição. Em seguida, nas visitas canônicas, mesmo adotando um percurso comum adaptamos a proposta às exigências do caminho de cada Província e Delegação, enriquecendo-o em base às necessidades e os pedidos das Circunscrições. Sempre nos animou a busca de viver relações verdadeiras, transparentes, construtivas entre nós e com todas as irmãs, mesmo nas situações nas quais o diálogo se apresentou mais difícil.

Para melhor favorecer a colaboração, a participação e a corresponsabilidade entre os governos, foram realizados alguns encontros, seja internacionais ou circunscricionais, tratando assuntos e analisando situações em clima de reflexão e discernimento. Nas visitas canônicas realizadas em quase

²⁸ Regra Pastoral de S. Gregório Magno, parte II,c.III.

²⁹ Ditos e fatos dos Padres do deserto, Rusconi, p.44

todas as Circunscrições³⁰, foram feitos encontros com as superiores de comunidade para reavivar o sentido evangélico do serviço da autoridade para o qual foram chamadas. Também o Conselho Ampliado, celebrado em outubro de 2007 se revelou um momento precioso de partilha e formação para todas as responsáveis de governo. Solicitadas para sermos “*sentinelas de esperança*”³¹, a levar a nossa pequena pedrinha do grande mosaico eclesial, olhamos para o nosso ministério de cura pastoral para com as irmãs, as comunidades e a humanidade de hoje, num novo retorno ao Evangelho, encorajadas a viver dando a precedência à caridade, à benevolência, à não desconfiança, ao crescimento de uma consciência de comunhão na novidade do Espírito.

Está em ato, *ad experimentum*, o caminho de unificação das Circunscrições Filipinas-Saipan e Austrália. Foi elaborado um Estatuto que se está experimentando. Em 2010 se fará uma avaliação global da experiência. Mesmo com alguma hesitação inicial devido à novidade da experiência e às diversidades culturais, está crescendo o conhecimento recíproco que faz esperar um futuro de sempre mais profunda comunhão e integração.

Em diversas ocasiões encorajamos e apoiamos as iniciativas que favorecem a internacionalidade e a troca de pessoas e recursos entre as Circunscrições. Nesta perspectiva somos agradecidas às Irmãs que pediram ou acolheram o mandato missionário. Constatamos também um crescimento na sensibilidade com relação ao fundo de solidariedade. A respeito das doações de benfeitores e a partilha com os pobres sugerimos alguns critérios para que em cada Circunscrição fosse distribuída melhor a ajuda às famílias e às pessoas necessitadas sem criar dependências ou expectativas nos pobres.

Cada Governo de Circunscrição foi convidado a rever os contratos para se adequar às novas exigências da Congregação, das Paróquias e respectivas Dioceses.

As semanas de estudos que todos os anos realizamos como grupo de governo nos deram a possibilidade de aprofundar vários temas³² concernentes a nossa missão de guia da Congregação. Consideramos, de fato, muito importante para o nosso serviço dedicar-nos juntas ao estudo de alguns temas que dizem respeito à vida da Congregação, da Igreja, do mundo com um olhar específico sobre o caminho da vida religiosa.

³⁰ Faltam ainda as visitas canônicas às Províncias BR-Gabon e ICN-Mozambico. Por causa da experiência se efetuará a visita à AUS somente em 2010.

³¹ Cf. Atos do 2º Conselho Geral Alargado, outubro 2007.

³² Em 2006: Os fundamentos do serviço evangélico da Autoridade na RdV; Em 2007: Preparação do tema e modalidade para efetuar as visitas canônicas; 2008: Relação entre obediência e autoridade; Em 2009: Preparação do 6º Intercapítulo e Seminário sobre “cura d’anime”.

Nesse sentido, foi mesmo enriquecedora a experiência dos encontros com os Governos Gerais da Família Paulina. Permitiram-nos abordar temas comuns à vida e à missão apostólica paulina e aprofundar o sentido de pertença à mesma Família. No Ano Paulino foram muitas as oportunidades para conhecer o Apóstolo dos gentios e apreciar o dom de tê-lo como inspirador e protetor. Uma de nós participou no Seminário sobre Paulo Apóstolo organizado pelos nossos Irmãos Paulinos no mês de abril 2009. Será apresentada brevemente, nesta sede, uma síntese do que se considerou importante também para nossa espiritualidade pastoral.

Como solicitado pelo 7CG foi elaborado o Logotipo oficial da Congregação, já utilizado por todas as Circunscrições a partir do 2º conselho Geral Ampliado³³.

Por ocasião do 70º de fundação fizemos memória de nossas Irmãs defuntas dedicando a elas o livro: *“Caminhos de santidade de vida: as nossas Irmãs viventes na casa do Pai”*.

Continua o caminho da Postulação para o reconhecimento das virtudes de Irmã Elisabetta Franchi e ao mesmo tempo se continua as pesquisas para fazer conhecer melhor também outras Irmãs que o Senhor chamou por primeiro ao prêmio. No site e no CTN se publica regularmente suas apresentações.

Para facilitar o empenho sobre a questão econômico-administrativa, foi elaborado e entregue às ecônomas e responsáveis de governo o Regulamento Econômico³⁴. Mesmo tendo percebido o esforço de todas as Circunscrições para cumprir as diretivas do sexênio em andamento, nem sempre foram seguidas orientações da RdV e as enviadas pelo Governo Geral neste âmbito. Em algumas ocasiões as dificuldades no setor econômico-administrativo nos levou a intensificar a oração e reflexão, a dialogar com pessoas interessadas e buscar ajuda de especialistas no campo administrativo e jurídico. Os problemas encontrados favoreceram em nós uma maior confiança no Senhor, na união de intenções e nos solicitaram a viver de modo mais evangélico as relações procurando sempre distinguir as pessoas de seus atos, na consciência de que a pessoa deve ser sempre acolhida, amada, respeitada, mesmo quando é necessário repreendê-la. Também as dificuldades enfrentadas nos ensinaram e nos fizeram experimentar o sustento da oração de várias pessoas.

Cada Circunscrição depois de ter experimentado o PEG³⁵ nos deram sugestões para o texto definitivo. A síntese das observações será apresentada

³³ 2CGA realizado em Tor S. Lorenzo (RM) de 7 a 16 de outubro de 2007

³⁴ Entregue no 2CGA 2007

³⁵ Projeto Econômico Geral entregue durante o 7CGA

sucessivamente. A elaboração final do documento que será entregue no 8CG estará a cargo do Governo Geral assessorado pela Comissão Econômica geral³⁶.

Dá esperança o constatar no coração de tantas Pastorinhas, o desejo de um estilo de vida religiosa verdadeiramente evangélico, mais sóbrio, mais enraizado em Cristo e na sua Palavra. Isto está levando algumas Irmãs a reforçar a sua relação com o Senhor, a viver relações autenticamente fraternas e a se doarem ao Povo de Deus tornando visível a vida do Ressuscitado. São Irmãs que poderiam abrir caminhos de futuro para nossa Congregação e para a vida religiosa apostólica, na medida em que se deixam transformar sempre mais pela Palavra escutada e acolhida. É tarefa das responsáveis de Circunscrição acompanhar com o diálogo estas Irmãs para que possam dar fruto em benefício da nossa Família Religiosa e no serviço pastoral.

Agradecemos ao Senhor por termos chegado, depois de tanta procura, à compra da nova casa geral e agora estamos na espera de sua reestruturação. Agradecemos às Circunscrições que colaboraram para esta obra que está a serviço de todas. Neste Intercapítulo serão dadas informações mais detalhada sobre a casa.

Uma estatística da Congregação até 31.05.2009

<i>Circ</i>	<i>Asp.</i>	<i>Post.</i>	<i>Nov.</i>	<i>PT</i>	<i>PP</i>	<i>Total prof</i>	<i>Età med.</i>	<i>com.</i>	<i>Def³⁷</i>
ARG-BO	-	2	1	5	16	21	49,00	5	2
BR-CdS	3	-	-	2	66	68	62,15	19	4
BR-SP	2	-	3	3	57	60	59,90	16	5
CI-PE	1	1	-	4	14	18	48,60	4	-
COVEME	3	1	1	3	32	35	48,60	9	1
K	1	1	1	6	18	24	41,67	6	1
PI-AU-SA	1	-	5	9	57	66	52,48	15	-
ICN	4	-	-	-	132	132	69,29	27	20
ICS	2	1	-	-	129	129	69,56	25	23
DGG	-	-	-	-	1	1	65,00	-	-
GG	-	-	-	-	7	7	55,14	2	-
Totale	17	6	11	32	529	561	61,47	127	67

³⁶ O CEG é a mesma que trabalhou para a elaboração de documento em experiência.

³⁷ As professoras falecidas antes da subdivisão em Província: Itália 6; Brasil 2; antes da unificação: Austrália 3.

Conclusão

O quadro essencial que delineamos nos pede, antes de tudo de vigiar sobre a perda do significado da nossa escolha de vida, esta perda traz conseqüências graves, tanto para nós como para os destinatários de nossa missão. Um risco já não tão remoto, que experimentamos na atual tentação de “diminuir” as exigências de nossa pertença a Cristo. Nesta situação, infelizmente, o contexto cultural e a mentalidade corrente não nos ajudam.

A nossa escolha de vida é certamente mais importante do que todos os ministérios nos quais estamos empenhadas, por isso o esforço de perseverar no cuidado de nossa vida religiosa é fundamental. Perguntamo-nos: Qual novo horizonte e direção exata Deus quer dar à nossa vida de Pastorinhas? Quais as atenções e estratégias para dar qualidade e unidade à nossa vida? Qual sabedoria nos é pedida para viver a missão pastoral hoje, nesta história para poder dar aos nossos contemporâneos motivos de vida plena e de cuidado da mesma vida?”

Perguntemo-nos também se estamos em grau de perceber e decifrar o significado do que está acontecendo hoje. Os graves problemas emergentes: Uma descristianização progressiva, a marginalização ou perseguição sempre mais evidente dos cristãos, os movimentos atuais de populações inteiras, as leis xenóforas sobre imigrações, a mudança climática com a conseqüente destruição do planeta, a globalização que elimina ou exaspera as identidades, a fragmentação cultural sempre mais competitiva e conflitiva, a própria crise econômica (que citamos no início), como interpelam a nossa responsabilidade pastoral?

Ao nosso interrogar-nos juntas, muitas vezes difícil e sofrido, vem-nos em auxílio e conforto a Palavra de Deus, a certeza do seu cuidado para conosco: “Deu aos santos a recompensa pelos sofrimentos que tinham passado, e os guiou por um caminho maravilhoso. Tornou-se para eles abrigo durante o dia e esplendor de estrelas durante a noite” (Sb 10,17). Por isso transbordamos de alegria em meio às tribulações e confiamos que na sua misericórdia o Senhor Jesus, nosso Bom Pastor, queira continuar a servir-se de nossa fraqueza e de nossa entrega para realizar a sua obra.

Por isso nos dispomos com confiança a avaliar o percurso realizado nestes três anos e a discernir juntas o caminho para os próximos anos até o 8CG e invocamos insistentemente o dom do Espírito sobre nossa assembleia. Confiantes, podemos contar com a oração de nossas Irmãs e de tantas pessoas que nos acompanham também com a oferta de algum sacrifício para o bom êxito dos nossos trabalhos.

Maria, Mãe do Divino Pastor e os Santos Apóstolos Pedro e Paulo aos quais é dedicado o mês de junho, intercedam por nós à abundância dos dons do Espírito e nos sustentem com o seu testemunho.

*Ir. Marta Finotelli
Superiora Geral*

S Miguel – Buenos Aires, 17 de junho de 2009

Allegato 5

A “COMUNICAÇÃO” NA “CURA PASTORAL” A LUZ DO APÓSTOLO PAULO

Pe. Valdir Jose De Castro, ssp
18 de junho de 2009

○ Apóstolo Paulo é sempre um ponto de referência na Igreja quando o tema é a comunicação. Ele procurou chegar com o Evangelho a todos os povos e com todos os meios disponíveis no seu tempo. Com o seu testemunho mostra que sem comunicação não existe vida espiritual, não existe revelação de Deus, não existe abertura do homem a Deus, não existem relações humanas, não existe “cura pastoral”. De fato, a qualidade da nossa vida espiritual, comunitária, social e pastoral depende, em grande parte, da qualidade da nossa comunicação. Sem a pretensão de exaurir a temática, procuraremos aprofundar a comunicação na cura pastoral levando em consideração a forma de ser e de trabalhar de São Paulo, a partir dos dados que encontramos nas suas cartas. São alguns textos que nos ajudam a verificar a nossa comunicação e, talvez, a acrescentar novas iniciativas ao nosso trabalho pastoral.

1. Comunicação: experiência humana fundamental

○ termo “comunicação” tem uma compreensão ampla, que vai desde o que é dito a respeito das relações interpessoais diretas até o que se refere à comunicação mediada pelos instrumentos técnicos. Todas as formas de comunicação convergem na finalidade de aproximar as pessoas e reduzir distâncias e tempo.

○ significado de “comunicação” se encontra no próprio termo. O primeiro sentido, do latim, remonta ao século XII (1160) e remete à idéia de comunhão, e de compartilhar. Do século XVI em diante, passou a compreender-se também como “difusão” de idéias, desenvolvida em várias formas e diversos níveis, com a

ajuda dos meios técnicos da comunicação³⁸. Está ligada ao desenvolvimento da técnica, iniciando com a primeira dessas, a imprensa. Comunicar é difundir, mediante escritos, livros e periódicos, depois por meio do telefone, da rádio, do cinema e, enfim, através da televisão e da informática. Sem esquecer o trem, o carro e o avião, técnicas físicas que tiveram um papel complementar fundamental.

Os meios de comunicação não são um fenômeno isolado no contexto social. Fazem parte da cultura na qual vivemos e geram a explosão de criatividade que leva informação a todos os pontos do planeta. Todavia, não podemos esquecer que a comunicação é, antes de tudo, uma experiência humana fundamental, e apesar do extraordinário desenvolvimento da técnica, não se percebeu grandes progressos na qualidade da comunicação. Numa época marcada pela instrumentalização técnica e digital, o contato direto entre as pessoas, que se exprime particularmente no “diálogo”, continua a ser um desafio.

A “comunicação” se torna um termo de moda, mas quase ninguém sabe de fato o que é comunicar. É uma palavra que de certa forma perdeu o sentido de “comunhão”. Não queremos dizer que hoje não exista comunicação de qualidade, mas que o excesso de comunicação, em particular aquela produzida pelos instrumentos técnicos, muitas vezes gera “incomunicabilidade”.

Dominique Wolton nos provoca com a pergunta: “Como salvar a unidade da comunicação quando domina a sua dimensão estrutural?”³⁹. Não se trata de ver na comunicação estrutural um perigo. O autor deseja provocar um debate. Insiste que exprimir-se, falar com outro e partilhar com ele, é aquilo que define um ser humano. Naturalmente, isto se pode fazer também através dos aparatos técnicos, como é o caso de uma videoconferência interativa ou de um celular. Apesar disto, o contato pessoal direto continua a ser uma forma privilegiada de comunicação.

Seja com os instrumentos técnicos, seja diretamente, a comunicação é o meio para entrar em relação com o outro, que é o horizonte, aquele que todos desejamos e tememos ao mesmo tempo, porque aproximar-se do outro nunca é fácil. Só a comunicação permite gerar esta relação ambivalente entre nós mesmos e os outros.

No contato com o seu semelhante, o ser humano pode comunicar-se em vários níveis, por diversos motivos, com um grande número de pessoas e de múltiplas formas. Basta ter presente a nossa vida cotidiana, do momento em que acordamos até quando vamos dormir à noite. A comunicação se realiza de

³⁸ WOLTON, Dominique. *Pensar la comunicación*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007, p.42

³⁹ WOLTON, Dominique. *Pensar la comunicación*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007, p. 23.

diversas formas: conosco mesmos, com gestos, oralmente, através dos meios de comunicação de massa, etc.

A comunicação não é um ato mágico, mas um processo. Antes de tudo tem uma **fonte**, isto é uma pessoa ou grupo de pessoas com um objetivo e uma razão para colocar-se em comunicação com alguém que chamamos **receptor**. Uma vez que existe a fonte, com as suas idéias, necessidades, intenções, informações e propósitos para comunicar, torna-se necessário outro componente, ou seja, o propósito da fonte deve ser expresso em forma de **mensagem**. Na comunicação humana uma mensagem pode ser considerada como conduta física: tradução de idéias, propósito e intenções, num **código**, num aglomerado sistemático de símbolos. Outro elemento é o **canal**, que é o meio portador da mensagem⁴⁰. A eficácia da comunicação dependerá de muitos fatores. Um desses é o "rumor", ou seja, qualquer sinal não desejado que impede o receptor de interpretar a mensagem como queria a fonte.

Além do processo descrito de maneira sintética, podemos também falar de comunicação positiva e de comunicação negativa⁴¹ que é o resultado da qualidade humana das pessoas que entram em relação. São elementos fundamentais para uma comunicação positiva os dados seguintes: equilíbrio e segurança emocionais, autoconsciência e autocrítica, capacidade de resolver conflitos pessoais e liberdade interior, tipo de valores que motivam a própria existência e identificação com os ideais do grupo que pertence.

É positiva a comunicação quando a interação melhora a relação e os indivíduos que se relacionam; quando esses se sentem minimamente gratificados e satisfeitos nas suas necessidades fundamentais de afeto, de compreensão, de aceitação; quando podem exprimir os seus sentimentos espontaneamente e com liberdade; quando não fica excessivamente árduo integrar as diferenças e superar os conflitos inevitáveis; quando o grupo como tal, alcança os seus objetivos e ideais; etc.

Em caso contrário, a comunicação resulta negativa: se negam ou se limitam os afetos, prevalece a insensibilidade e o individualismo, os membros do grupo não se dedicam tempo, quando os membros não têm disposição para superar os bloqueios pessoais ou de grupo, ou faltam os recursos para resolver os seus conflitos, etc.

⁴⁰ BERLO, David K. *O processo da comunicação. Introdução à teoria e à prática*. Buenos Aires: Editora El Ateneo, 2004, p. 27.

⁴¹ ROMERO, Pedro. *Comunicação e vida comunitária. Questões psicossociais e possibilidades*. Madrid: San Pablo. 1997, p. 25.

A cura pastoral requer o desenvolvimento da comunicação em todos os sentidos. O Apóstolo Paulo, não obstante os limites pessoais e as dificuldades exteriores, foi um homem de comunicação marcadamente positiva. As suas cartas revelam um missionário que soube valorizar as relações humanas e criar uma rede de comunicação como forma de levar o Evangelho a um maior número de pessoas. Então, qual é o perfil de Paulo comunicador? O que tem a nos propor para uma boa comunicação na cura pastoral? Quais eram os conteúdos e a razão da sua comunicação? Quais os meios e estratégias utilizados para chegar às pessoas?

2. O estilo de vida de Paulo de Tarso

Nos últimos dois mil anos de história, muitas pessoas, mais do que uma prática de piedade, fizeram da vida cristã um estilo de vida. Entre estas está o apóstolo Paulo, que encontrou a razão de sua existência no seguimento de Jesus. Abraçou livremente o cristianismo não como uma forma de entrar na “realidade espiritual” para fugir dos problemas concretos da vida, mas para procurar as respostas para as situações reais das pessoas e das comunidades.

Uma oportunidade apareceu na sua vida e Paulo deu um novo sentido à sua história. Abraçou o cristianismo como um “modo de ser”. Assumiu uma missão levado por uma paixão indescritível pela pessoa e a mensagem de Jesus. Viveu uma espiritualidade profunda que deu sentido ao seu jeito de ser e trabalhar.

O Apóstolo Paulo nasceu no ano 10 aproximadamente da era cristã em Tarso, capital da Sílcia na Ásia Menor. Uma cidade grande que na época contava com aproximadamente 300.000 habitantes⁴². Recebeu a influência de duas culturas: judaica e helenista. De raça e religião com origem judaica, pertencente à comunidade da diáspora, em contato com ambiente grego, do qual assumiu a língua e muitos elementos que marcaram sua vida e seu pensamento.

Antes de abraçar o cristianismo Paulo era um defensor apaixonado das tradições do povo hebreu. Era irrepreensível no cumprimento da Lei. Foi educado em Jerusalém por Gamaliel, um dos maiores rabinos de seu tempo. Devido à sua sólida formação judaica era um grande adversário de Jesus Cristo e de seus discípulos. Chegou a presenciar a lapidação de Estevão, o primeiro mártir cristão.

⁴² BARBARGLIO, Giuseppe. *pablo de Tarso y los orígenes cristianos*. Sígueme: Salamanca, 1989, p. 33.

Aproximadamente no ano 36 da era cristã, Paulo passou, porém, por uma profunda transformação. Teve um encontro incrível que mudou a direção de sua vida, orientando-o para um novo projeto. Enquanto caminhava para a cidade de Damasco, para prender os seguidores de Cristo, fez uma experiência extraordinária de encontro com Jesus que gerou uma mudança radical na sua história⁴³. De perseguidor tornou-se um dos seus mais fiéis discípulos.

A mudança que Paulo viveu foi tão radical que o levou a colocar em segundo plano tudo quanto tinha aprendido até aquele momento⁴⁴. Sentiu-se “apóstolo” e “enviado”, tanto quanto os outros apóstolos que tinham conhecido Jesus pessoalmente⁴⁵. Paulo não mudou de religião, mesmo que tenha repensado muitas coisas. Teve que rever suas várias concepções sobre Deus, sobre o homem e sobre o mundo. Além disso, não considerava o cristianismo uma nova religião, diferente do judaísmo, mas uma continuação que deveria acrescentar novos elementos. Por isso, antes de considerá-la como um episódio de conversão, é necessário considerar esta mudança como um episódio de vocação, à qual respondeu “sim”, e que o orientou a dar resposta a uma pergunta fundamental dirigida a Jesus, que ele mesmo pronunciou: “Senhor, que queres que eu faça?”

Com o passar do tempo, Jesus andou “comunicando” a Paulo aquilo que ele devia fazer. E Paulo respondendo ao seu chamado tornou-se um anunciador incansável do Evangelho não só com as palavras, mas com o testemunho da própria vida. Deu prioridade aos pagãos⁴⁶, justamente aqueles que antes discriminava. Torna-se um “construtor” e “formador” de comunidades. Fez quatro viagens cheias de perigos, se considerarmos as condições de segurança da sua época. Visitou inúmeras cidades. A sua última viagem foi de Jerusalém para Roma, onde aconteceu o martírio.

O tema da comunicação ligado à “cura pastoral” encontra no Apóstolo Paulo uma referência importante porque a “comunicação” fazia parte de seu estilo de vida. Ele não media esforços no interagir com as diversas comunidades. Utilizou os meios de comunicação disponíveis no seu tempo, sem desprezar o contato direto com as pessoas. O desenvolvimento da sua comunicação teve como motivação a experiência de Jesus Cristo, a paixão pelo Evangelho e o amor pelo povo ao qual se sentia chamado a anunciar.

⁴³ At 9,1-25.

⁴⁴ Fl 3,7.

⁴⁵ 1Cor 9,1-11.

⁴⁶ Gl 2,7-8.

Com o seu testemunho mostrou que a comunicação é uma experiência humana fundamental, e também cristã. De fato, a sua antropologia não é uma forma de individualismo. As pessoas são seres sociais, que se definem pessoas pela sua capacidade de relacionar-se.

Tanto no passado como no presente, a comunicação continua a ser um desafio. É uma das necessidades fundamentais do ser humano. Através da comunicação verbal e não verbal as pessoas interagem entre elas e constroem a sociedade e a Igreja. Assim como não existem homens sem sociedade, não existe sociedade ou comunidade eclesial sem comunicação. É o fio condutor que envolve pessoas, grupos sociais e instituições, e facilita a construção do que chamamos cultura. Esta se encontra na raiz da cura pastoral.

3. O perfil de Paulo “comunicador”

Evangelizar é “comunicar”. Paulo é o missionário que não se cansou de “comunicar” a Boa Notícia de Jesus Cristo. Além de manter-se em contínua comunicação com os que estavam ao seu redor procurou todos os recursos técnicos de seu tempo para interagir com as comunidades distantes. Soube encontrar o equilíbrio entre a comunicação epistolar e aquela interpessoal com o objetivo de chegar com a Palavra de Deus ao maior número de pessoas.

Quando ressoa hoje ao nosso ouvido a palavra “comunicador” pode vir na mente uma imagem estereotipada, inculcada pelos meios de comunicação social. Em referência à televisão, e especialmente o apresentador de telejornal, vem à idéia do homem ou da mulher elegante, bem arrumada, de boa pronúncia e imagem cinematográfica. Além disso, existem noticiários televisivos nos quais os apresentadores são modelos, ou seja, pessoas que não tem nenhuma experiência de jornalismo, mas a sua “imagem pessoal” coincide com o perfil traçado pela lógica do espetáculo. Em geral se considera “comunicador” a pessoa que simplesmente dá informações.

Evidentemente o contexto da comunicação no qual viveu o Apóstolo Paulo, especialmente do ponto de vista tecnológico era totalmente diferente. A preocupação com a aparência e o uso do poder da linguagem, mesmo se dentro dos recursos da época, eram considerados importantes para os comunicadores que aspiravam ao sucesso. Era o que faziam alguns evangelizadores do seu tempo, os “falsos apóstolos” que instruídos em algumas técnicas da comunicação, se serviam do ministério para procurar prestígio e

riqueza. Eram os “profissionais da fé”, que anunciavam a mensagem de Cristo com o objetivo de obter vantagens pessoais⁴⁷.

Na perspectiva do comunicador, Paulo não tinha nada a ver com o comunicador espetacular. As suas cartas, especialmente as escritas aos Coríntios, revelam um homem que não se enquadra neste esquema. Confrontando a sua pregação com a dos falsos apóstolos, Paulo reconhecia que não sabia falar com a mesma eloquência: “Irmãos, eu mesmo, quando fui ao encontro de vocês, não me apresentei com o prestígio da oratória ou da sabedoria, para anunciar-lhes o mistério de Deus.”⁴⁸. Era consciente de não ter uma grande capacidade de comunicação oral: “Se sou amador na arte de falar, não o sou porém, na doutrina, como vos demonstrei em tudo e de todos os modos, a todos”⁴⁹. Admitia que sua presença não era por nada sedutora: “Estive no meio de vocês cheio de fraqueza, receio e tremor; minha palavra e minha pregação não se baseiam em discursos persuasivos de sabedoria”⁵⁰.

Paulo não procurava seduzir as pessoas com a linguagem, nem com a retórica, nem mesmo com as aparências. Alguns membros das comunidades não aceitavam este seu modo de agir e o criticavam. Chegaram a duvidar que ele fosse um evangelizador autêntico⁵¹. Se o Apóstolo Paulo não se enquadrava no perfil de comunicador “espetacular” onde se encontrava a força da sua comunicação?

3.1. Mensagem clara e abertura à escuta

Se olharmos o Apóstolo Paulo do ponto de vista do comunicador desinibido, a sua mensagem tocava mais pelos seus escritos do que pela sua presença física. De fato, algumas das comunidades de Corinto afirmavam que suas cartas eram duras e fortes, não obstante ele fosse de presença física fraca e como um pobre orador⁵². Como já disse Paulo não possuía os atributos da oratória, nem outras técnicas de comunicação que alguns evangelizadores de seu tempo desenvolveram para obterem sucesso. Onde estava agora a eficácia de sua missão?

O Papa Bento XVI, no seu livro *o Ano de São Paulo*⁵³, depois de ter constatado que Paulo não sabia falar muito bem e que os resultados

⁴⁷ Cf. 2Cor 10,12.

⁴⁸ 1Cor 2,1.

⁴⁹ 2Cor 11,6.

⁵⁰ 1Cor 2,3-4.

⁵¹ Cf. 2Cor 11,16-33.

⁵² Cf. 2Cor 10,10.

⁵³ BENEDICTO XVI, *Año de San Pablo*, Madrid: Editorial San Pablo, 2008.

apostólicos não eram de sua brilhante retórica, conclui que o sucesso de seu apostolado estava no empenho de anunciar o Evangelho na entrega total a Cristo. Declara que não temia nem os perigos e nem as perseguições.

Paulo tinha claro a mensagem que desejava anunciar⁵⁴. Possuía um conteúdo que emergia não só da sua formação intelectual, mas também da sua experiência de vida. Educado na mais perfeita tradição judaica, Paulo carregava consigo uma bagagem cultural que incluía um profundo conhecimento das tradições do judaísmo, e noções da filosofia e religiões gregas do seu tempo. Fora educado na sua juventude, como já disse, por Gamaliel, um renomado rabino de sua época.

Além da sua formação intelectual, a experiência que fez no caminho de Damasco, marcou profundamente sua vida. O conhecimento de Cristo levou Paulo a uma mudança radical de vida. De perseguidor dos cristãos, passou a ser instrumento de “comunicação”⁵⁵ da “Boa Notícia”, mostrando que a pessoa mesma é o primeiro veículo de comunicação do qual dispomos. Da conversão nasceu a missão, cujo fundamento se apoiava na convicção: “Sei em quem acreditei”⁵⁶. Não obstante, a sua mensagem não se reduzia a uma pura e simples comunicação verbal. O Evangelho que proclamava não consistia só no informar a iniciativa da pura graça de Deus e sobre o acontecimento da morte e ressurreição de Jesus de Nazaré. Antes de tudo era Palavra de Deus e de Cristo.

O Apóstolo se lançou na comunicação. Afirmou que a fé dependia da pregação, e a pregação era o anúncio de Jesus Cristo⁵⁷. De fato, evangelização e comunicação são duas realidades complementares, porque evangelizar é comunicar a “Boa Notícia” com palavras e com atitudes. É sempre uma “abertura” aos outros. Paulo levou ao término esta missão sem poupar-se: “Quanto a mim, de boa vontade me gastarei e me desgastarei totalmente em favor de vocês”⁵⁸ escreveu aos Coríntios.

Além de conter uma mensagem clara, a comunicação em Paulo não é um artifício movido por ambições pessoais. É uma comunicação “positiva”, isto é um processo que gera comunhão, que inclui um emissor que escuta com atenção o destinatário e o respeita. A partir de um conteúdo claro, Paulo não só “anunciou” o Evangelho, soube também escutar. Antes de tudo permanece

⁵⁴ 2Cor 11,6.

⁵⁵ At 9,15.

⁵⁶ 2Tm 1,12.

⁵⁷ Rm 10,17.

⁵⁸ 2Cor 12,15.

aberto à escuta daquilo que Deus queria lhe comunicar, na sua vida interior. Simultaneamente procurou também escutar as pessoas e as realidades externas. Somente depois de uma escuta atenta procurava dar respostas às situações concretas, a partir dos valores cristãos.

Com a sua vida, Paulo mostrou que a comunicação é tão importante que desta depende a qualidade da relação com Deus, consigo mesmo e com os outros. Aprofundamos agora ainda mais o “conteúdo” da comunicação de Paulo. Obviamente sabemos que o centro de sua mensagem é Jesus Cristo. Mas quem é Jesus para Paulo? Tendo presente os desafios da comunicação na cura pastoral hoje, podemos também nos perguntar: “Quem é Jesus para nós?”

3.1.1 Quem é Jesus para Paulo?

O Apóstolo Paulo estava seguro de que sua missão era “comunicar” o Evangelho de Jesus Cristo. Mas, quem era Jesus para Paulo? Esta é uma pergunta fundamental. Jesus mesmo fez entre seus discípulos esta pesquisa sobre sua identidade: quem é o Filho do Homem?⁵⁹ Sabemos que Pedro deu a resposta justa: “Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo.” pelo qual Jesus o louvou, mas quando Jesus começou a dizer que teria que sofrer, Pedro se opôs. Jesus o repreendeu dizendo: “longe de mim satanás!”

Pedro reconhecia a origem divina de Jesus, mas não aceitava a cruz. Certamente depois deste episódio, Pedro fez um longo e doloroso caminho para entender através dos fatos que aconteceram que também o sofrimento e a morte faziam parte da missão de Jesus. E que este trágico fim seria a consequência da entrega de Jesus, por amor ao projeto de Deus Pai.

Voltando à experiência de Paulo, não nos ocuparemos minuciosamente do conceito que ele tinha de Jesus. Isto porque se tratando das coisas de Deus, é difícil explicar exatamente todos os acontecimentos que contribuíram para construir esta realidade. As palavras humanas não são suficientes para exprimir a profundidade, a grandeza e o significado da experiência que Paulo fez de Deus. Mas a Boa Notícia que Paulo comunicava tinha como princípio apresentar também a imagem de Jesus que Pedro negava de aceitar: Jesus Crucificado.

Não podemos esquecer que o Cristo Crucificado que Paulo anunciava com tanto ardor, era escândalo para os judeus e loucura para os pagãos.⁶⁰ Para um judeu, que esperava um messias triunfante, era impossível conceber-lo terminando a sua vida numa cruz. Um grego, como podia conceber que Deus na sua suprema sabedoria pudesse terminar com uma morte tão trágica? No entanto,

⁵⁹ Cf. Mt 16,13-23.

⁶⁰ 1Cor 1,23.

Paulo anuncia este Jesus “que embora fosse rico, se tornou pobre por causa de vocês, para com sua pobreza enriquecesse a todos”⁶¹, que se esvaziou “a si mesmo assumindo a condição de servo”⁶², mas que “Deus o exaltou e lhe deu o nome que está acima de qualquer outro nome.”⁶³

Paulo seguiu o caminho de Jesus, que se fez servo.⁶⁴ É como servo que também se apresentou às comunidades, através de um ideal que deu sentido à sua vida.⁶⁵ Apresentando-se como “servo” às comunidades, Paulo realizava um importante passo para entrar em diálogo e criar comunhão. De fato, uma das características de quem se coloca a serviço é “humildade” (húmus = terra). A humildade é a porta para aproximar-se das pessoas e iniciar um verdadeiro processo de comunicação e a pensarmos na perspectiva da comunhão.

Para Paulo, o anúncio de Jesus crucificado evidenciava uma dimensão importante da sua fé, que é a fé na encarnação do Filho de Deus (revelação = comunicação).⁶⁶ Aceitando este aspecto, ele considerava Jesus na sua realidade integral, diversamente dos assim ditos “espirituais”, aquele grupo dos cristãos do seu tempo que separavam o Salvador Crucificado do Cristo da fé. Ou seja, negavam o Jesus histórico e, por conseqüência, a realidade da Cruz. Preferiam pensar em Jesus como o Senhor da Glória.

Paulo reconhecia Jesus como o Senhor da Glória, mas defendia também sua historicidade humana. Para ele, Jesus salvou a humanidade enquanto fazia parte desta, aceitando as suas condições e transformando-a. Assim, Ele sofreu e morreu sem merecer absolutamente tais tribulações. Paulo expressa o núcleo e a essência da sua fé com a afirmação: “Por primeiro, eu lhes transmiti aquilo que eu mesmo recebi, isto é: Cristo morreu por nossos pecados, conforme as Escrituras; Ele foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras; apareceu a Pedro e depois aos doze.”⁶⁷

Paulo é considerado o primeiro teólogo cristão e o criador da teologia cristã. Sabemos que ele não construiu uma suma teológica. Os seus escritos narram as respostas que ele procurou dar às situações concretas das comunidades, a partir da mensagem cristã. Era um modo teologicamente fundado para resolver os problemas particulares da fé e da vida cristã que se impunham progressivamente nos seus interlocutores e a ele mesmo. Paulo mostrou que a mensagem de Jesus não é somente para ser escutada, mas praticada como

⁶¹ 2Cor 8,9.

⁶² Fl 2,7.

⁶³ Fl 2,9.

⁶⁴ 2Cor 8,9.

⁶⁵ 2Cor 4,5.

⁶⁶ Gl 4,4-5.

⁶⁷ 1Cor 15,3-5.

condição para conquistar uma melhor qualidade de vida. Em todo esse processo a “comunicação” foi fundamental!

3.1.2 Sobre os passos do Bom Pastor

A pergunta sobre a identidade de Jesus é importante para o desenvolvimento da comunicação na cura pastoral. A resposta ao início pode parecer fácil, mas não é assim simples, porque Jesus é um mistério. Mistério não no sentido de uma realidade pessoal que não podemos conhecer, mas uma pessoa que podemos conhecer, todavia sem exaurir.

○ mesmo pode ser dito de qualquer ser humano e de nós mesmos. Cada pessoa é um mistério para si mesmo. Ninguém pode dizer que conhece a si mesmo totalmente. A prova está no fato que muitas vezes nos surpreendemos ao ponto de nos perguntar: “fui eu que fiz isto?”; “tive a coragem de dizer aquilo?”. Jesus é mistério porque jamais chegaremos a conhecê-lo na sua totalidade. Progredimos no Seu conhecimento na medida em que nos abrimos à ação de Sua graça, quando meditamos e celebramos a sua Palavra, quando acolhemos as pessoas, em particular as mais necessitadas. Quando nos tornamos pessoas de comunicação, dispostas não só a emitir mensagens, mas também escutar na medida do que já dissemos.

É impossível esgotar o conhecimento de Jesus. Ele é o Filho de Deus, o Messias, o Senhor, o Salvador. Ele definiu a Si mesmo como a Luz, como a Videira, como o Pão da Vida. Para Paulo, como já dissemos, Jesus é o Crucificado. Mas não entendia a Cruz como símbolo de derrota, mas de vitória sobre a morte. A “linguagem” (a “comunicação”) da Cruz, afirmava Paulo “é potência de Deus”.⁶⁸ É por meio de Jesus, morto e ressuscitado, e através da fé que temos acesso à graça.⁶⁹

Para responder à pergunta sobre quem é Jesus, na perspectiva da cura pastoral, é oportuno procurar inspiração na comparação com o Bom Pastor. Jesus definiu a si mesmo no Evangelho de João como o pastor que cuida das suas ovelhas com amor, as defende de todos os perigos e dá a vida por elas. Ele afirmou: “Eu Sou o Bom Pastor. ○ Bom Pastor oferece a vida por suas ovelhas.”⁷⁰ Ao pastor, Jesus contrapõe o mercenário explicando: “o mercenário, que não é pastor, e as ovelhas não são suas, quando vê o lobo chegar, abandona as ovelhas e sai correndo. Então o lobo ataca e dispersa as ovelhas. ○ mercenário foge, porque trabalha só por dinheiro.” E acrescenta: “Eu sou o Bom Pastor:

⁶⁸ 1Cor 1,18.

⁶⁹ Rm 5,2.

⁷⁰ Jo 10,11.

conheço minhas ovelhas e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai.”⁷¹

Ao afirmar que é o “Bom Pastor” em contraste com o “mercenário”, Jesus está mostrando que Nele se encontra a verdadeira vida. Ele conhece profundamente cada pessoa, e também se sacrifica por ela, porque a ama e a protege de todos os perigos. Interpretando esta comparação, podemos dizer que Jesus não procura os próprios interesses, mas dá a vida a todos aqueles que o procuram. Além disso, no evangelho do pastor aparece algumas vezes o verbo “escutar”. As ovelhas escutam a voz do pastor. Estão abertas, em contínua “comunicação”. Desta comunicação deriva o seguimento.⁷²

É muito interessante olhar o Apóstolo Paulo do ponto de vista do Bom Pastor. Obviamente antes de ser “pastor” Paulo é a ovelha “obediente” que escuta e segue de perto Jesus, o Grande Pastor. Se deixa amar, cuidar, e guiar por Ele. Dele aprende que a fonte da vida é o amor. De fato, o apóstolo dirá: “Esta vida na carne, eu a vivo na fé do Filho de Deus, que me amou e deu a vida por mim”.⁷³ Somente quem faz a experiência profunda de ser discípulo, de escutar a voz do Pastor pode ser verdadeiramente evangelizador. E está pronto para comunicar os valores do Reino.

Convém novamente fazer referência aos falsos pastores que no tempo de Paulo procuravam explorar o povo em nome do Evangelho.⁷⁴ Eram como mercenários que não pensavam na vida das ovelhas, mas em aproveitar delas. Paulo não se deixou guiar pelas aparências ou privilégios. Não procurou os bens das pessoas, mas as próprias pessoas.⁷⁵ É o Bom Pastor que tem como único interesse aquele de anunciar e viver o Evangelho, caminho da verdadeira liberdade e da plena vida.

3.2 Graça comunica Graça

Enquanto um “instrumento” de comunicação do Evangelho, o Apóstolo Paulo era consciente da sua fragilidade humana. No entanto sabia que isto não era impedimento para levar adiante a cura pastoral. Descobriu que Deus o amava assim como era, com suas qualidades e seus defeitos, ao ponto de afirmar. “Todavia, esse tesouro nós o levamos em vaso de barro, para que todos reconheçam que este incomparável poder pertence a Deus e não é propriedade nossa.”⁷⁶

⁷¹ Jo 10, 12-15.

⁷² Jo 10,27.

⁷³ Gal 2,20.

⁷⁴ 2Cor 11,5.13-14.20.

⁷⁵ 2Cor 12,14.

⁷⁶ 2Cor 4,7.

○ Apóstolo Paulo era seguro que era o Criador, com seu poder e a sua bondade, Aquele que lhe dava a força necessária para superar as dificuldades da vida e da missão.⁷⁷ Em Jesus descobriu que o caminho para Deus estava na valorização da humanidade no sentido mais profundo, que se manifesta na prática do amor, do perdão, da acolhida e do respeito às pessoas, da solidariedade e da justiça.

Para Paulo, todas estas realidades eram fruto da graça (bondade!) de Deus.⁷⁸ Neste caminho espiritual descobriu que a graça gera graça. Compreendeu que o dom que Deus lhe deu gratuitamente tinha como finalidade ser “comunicado” também para os outros gratuitamente. Por isso chegou a afirmar que a graça a ele concedida não foi vã.⁷⁹ De fato a graça tornou a sua vida fecunda nas obras em favor dos outros. Além de dar um novo sentido à sua vida, a graça recebida se transformou em obras, em benefício do bem comum que chamamos evangelização.

De todas as graças que Paulo recebeu a maior sem dúvida foi o encontro com Jesus Cristo. Foi Jesus que fez Paulo mudar a direção da sua história. A partir do encontro com Ele compreendeu que o centro do anúncio era a pessoa de Jesus, morto sobre a cruz e ressuscitado. Escreveu convicto: “nós não pregamos a nós mesmos, mas o Senhor Jesus Cristo”.⁸⁰ Declarou também: “ninguém pode colocar um fundamento diverso daquele que já se encontra, que é Jesus Cristo”.⁸¹ A partir desta fé, a sua obra missionária se desenvolveu nos grandes centros urbanos de seu tempo, como as cidades de Corinto, Filipos, Tessalônica e Éfeso.

○ Apóstolo Paulo anunciava que em Cristo se estabeleceu uma nova aliança entre Deus e a humanidade. Denunciava os falsos apóstolos que pregavam um Jesus diferente.⁸² Acusava-os de serem operários fraudulentos disfarçados de apóstolos de Cristo⁸³ que viviam de aparências. Mostrava que o caminho para Deus não era a Lei, mas a pessoa de Jesus, o Messias. Em outras palavras, e descendo à realidade, afirmava que toda lei encontra sua plenitude e um só mandamento: o amor ao próximo;⁸⁴ e que o amor é a Lei perfeita.⁸⁵

⁷⁷ 1Cor 12,11.

⁷⁸ Ef 3,2.

⁷⁹ 1Cor 15,10.

⁸⁰ 2Cor 4,5.

⁸¹ 1Cor 3,11.

⁸² 2Cor 11,4.

⁸³ 2Cor 11,13.

⁸⁴ Gl 5,14.

⁸⁵ Rm 13,10.

○ que acontecia nas comunidades no tempo de Paulo é o mesmo que acontece hoje em nossa sociedade, quando muitos pregadores que se dizem “evangelizadores”⁸⁶ fazem da fé um negócio lucrativo. Transforma a Igreja em um mercado. Além disso, a era da imagem na qual vivemos é propícia a persuadir através das aparências. Tais mercenários da fé procuram, nas aparências e nas técnicas de comunicação, fazer da relação com Deus um comércio. Ao contrário, Paulo se apresentava como um Apóstolo autêntico, chamado a ser outro Cristo, não nas aparências, não superficialmente, mas na transparência. Antes, procurava não ser economicamente um peso para as comunidades, exercendo a profissão de fabricante de tendas.

Vivemos numa cultura onde o importante não é “ser”, mas “ter e aparecer”. Infelizmente o sistema capitalista precisa do mundo das aparências. O nosso tempo prefere a imagem ao objeto, o rascunho ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser. Embora, na época Paulo não existisse os meios modernos de comunicação que reproduzem as imagens, eles eram uma das riquezas a serem exploradas na busca de sucesso. Paulo não se deixou arrastar por esta onda. A sua vida e o seu testemunho eram centrados no Evangelho que ilumina e transforma a pessoa a partir do coração.

3.3 Fazer-se tudo para todos

A experiência de Paulo no caminho de Damasco gerou nele um forte impulso missionário. “Não é para mim uma vantagem pregar o Evangelho; é um dever: ai de mim se eu não evangelizar!”⁸⁷ O chamado que experimentava interiormente para comunicar a Boa Notícia era perceptível por meio dos inúmeros contatos com pessoas e comunidades.

Para o Apóstolo, o Evangelho de Cristo se constituía um fator decisivo na agregação de todos os povos, chamados a constituir uma nova comunidade humana e universal, onde as diferenças sócio-culturais deixavam de ser motivos de discriminações.⁸⁸ Sentia-se a serviço de um Deus que não fazia diferenças entre judeus e pagãos. Em Cristo procurava unir todos os povos⁸⁹ com uma única mensagem: o amor, que cria comunhão e gera vida para todos.

○ anúncio do Evangelho levou o Apóstolo a romper com todas as barreiras do prejuízo e da discriminação e a buscar a “comunhão”. Para ele, o importante era chegar ao maior número de pessoas a partir da situação concreta de cada um, unindo-as em um único projeto. Por isto afirmou: “fiz-me Judeu com os Judeus,

⁸⁶ Cf. 2Cor 11,20.

⁸⁷ 1Cor 9,16.

⁸⁸ Gal 3,26-28.

⁸⁹ Ef 2,14.

para ganhar os Judeus; com aqueles que estão sob a lei me fiz como um que está sob a lei, mesmo não estando sob a lei, a fim de ganhar aqueles que estão sob a lei... Fiz-me fraco com os fracos, para ganhar os fracos; fiz-me tudo a todos, para salvar a todo custo alguns".⁹⁰

As cartas que Paulo escreveu a um público diversificado não se reduziam à transmissão de doutrinas, nem mesmo substituíam o contato pessoal. Tinham a intenção de dar respostas cristãs aos problemas concretos das pessoas e das comunidades. Os seus escritos manifestavam um grande afeto para os destinatários e o desejo de estar com eles. Assim se lê nas cartas aos Coríntios: "Irei até vocês depois de passar pela Macedônia, pois pretendo apenas atravessar a Macedônia. Mas, talvez eu fique com vocês ou até passe o inverno... Não quero vê-los apenas de passagem; se o Senhor permitir, espero ficar algum tempo com vocês".⁹¹ Aos tessalonicenses retoma os mesmos sentimentos: "Irmãos, já faz algum tempo que estamos separados de vocês, longe dos olhos, mas não do coração, e por isso temos o mais vivo e ardente desejo de tornar a vê-los." ⁹² Revelou o mesmo desejo a Timóteo: "te escrevo tudo isto, na esperança de me encontrar logo com você".⁹³

Paulo experimentava um "grande desejo" de estar em contato com as pessoas. As cartas não substituíam os encontros pessoais. Tanto por meio das cartas quanto diretamente, o Apóstolo sabia que sem a abertura do coração não tinha comunicação, menos ainda evangelização. A palavra "coração" (*kardia*) aparece 52 vezes nos escritos de Paulo.⁹⁴ Coração indicava a parte mais íntima da pessoa, a sede das emoções, também do pensamento e da vontade. Daqui a profundidade de expressões como: "A nossa boca vos falou francamente, Coríntios, e o nosso coração está todo aberto para vós... dêem-nos o retorno, abris também vós o coração!"⁹⁵

Também quando se encontrava na prisão, Paulo procurou de algum modo estar presente por meio das cartas ou de um colaborador, que atuava no "contato pessoal", em seu lugar. Enviou por exemplo, Timóteo⁹⁶ e Epafrodito⁹⁷ para Filipos, Tíquico e Onésimo para Colossos.⁹⁸ O capítulo 16 da carta aos Romanos apresenta uma lista de pessoas, homens e mulheres, que colaboravam na sua missão.

⁹⁰ 1Cor 9,22.

⁹¹ 1Cor 16,5.7.

⁹² 1Ts 2,17.

⁹³ 1Tm 3,14.

⁹⁴ DUNN, James D. G., *A teologia do apóstolo Paulo*, São Paulo: Paulus, 2003, p. 107.

⁹⁵ 2Cor 6,11-13.

⁹⁶ Fl 2,19-20.

⁹⁷ Fl 2,25-30.

⁹⁸ Col 4,7-9.

Seja diretamente ou através de uma rede de pessoas, Paulo procurou transmitir mensagens e também “escutar”. Enviava a Boa Notícia, mas também esperava a “novidade” que podia chegar de seus destinatários. É quando exprime, por exemplo, na 1ª carta aos Tessalonicenses: “Agora Timóteo acaba de chegar da visita que lhes fez, trazendo boas notícias sobre a vossa fé e vosso amor. E ele disse que vocês sempre se lembram de nós com afeto, e que desejam rever-nos, como também nós gostaríamos de vê-los”.⁹⁹ Neste modo respondia às inquietudes da comunidade, com o objetivo de tecer relações sólidas que criavam “comunhão”.

3.4 Os meios de comunicação e a linguagem

Os recursos de comunicação que Paulo dispunha no seu tempo, entre os quais as grandes estradas romanas e a navegação, contribuíram para a difusão do Evangelho a partir das grandes cidades. Somente na viagem missionária que o viu partir do Oriente e chegar a Corinto através da Antioquia da Síria, passando pela Sílicia, a Galácia, Troade, Filipos, Tessalônica e Atenas, a distância percorrida foi de 3.500 km incluindo 700 ou mais km pelo mar.¹⁰⁰

Além das viagens que realizou pessoalmente, por terra ou pelo mar, as cartas escritas endereçadas para alguns de seus colaboradores mais próximos ou mesmo às comunidades, contribuíram para que a Boa Notícia chegasse lá onde ele por algum impedimento não podia estar presente.

Paulo tinha consciência da responsabilidade de uma carta. Sabia que a mesma mensagem escrita podia chegar a muitas pessoas e comunidades. A eficiência desta estratégia pode ser percebida na recomendação que fez aos Colossenses: “quando esta carta for lida por vocês façam com que seja lida também na Igreja de Laudicea e também vocês leia aquela enviada aos Laudiceus”.¹⁰¹

Outro elemento é quando se refere à adequação da linguagem¹⁰² ao destinatário. Paulo procurou exprimir o Evangelho na linguagem do contexto cultural urbano. Recordemos que Jesus era um homem do campo. Nas parábolas usou termos tais como semente, ovelha, grão de mostarda, ramo, pastor. Paulo originário do meio urbano se situou na semântica da linguagem

⁹⁹ 1Ts 3,6.

¹⁰⁰ BARBARGIO, Giuseppe. *Op. Cit.*, p. 94.

¹⁰¹ Col 4,16.

¹⁰² Existe uma imensidade de definições sobre o que é a linguagem humana. Há uma linguagem oral ou falada, a linguagem escrita, a linguagem dos sinais, a linguagem iconográfica... Aqui acenamos somente à linguagem enquanto língua falada com os sinais lingüísticos culturais comuns a uma comunidade.

própria da cidade, por exemplo: estádio, corridas esportivas, desfiles, armaduras.

Jesus anunciou a Boa Notícia pelas estradas da Palestina, sobre os montes, na beira dos lagos; Paulo pregou nas praças das grandes cidades. O livro dos Atos dos Apóstolos afirma que Paulo foi ao Areópago, onde anunciou o Evangelho utilizando uma linguagem compreensível aos destinatários.¹⁰³ O Areópago representava no seu tempo o centro da cultura do povo ateniense.

Utilizando a linguagem correta e os meios adequados, Paulo procurou responder às exigências do público para o qual se dirigia. Foi um grande comunicador que não se enquadra, evidentemente sob o perfil “espetacular”, como já tínhamos afirmado. O seu objetivo era o de criar “comunhão”. Na inter-relação evangelizava com todos os modos possíveis. O seu próprio modo de comunicar era também evangelização. Soube utilizar todos os meios mais célebres e eficazes do seu tempo, com a linguagem adequada, sem perder a dimensão humana que inclui o contato pessoal. Dele aprendemos que não existe Igreja sem comunicação, e que a comunicação é a base da cura pastoral.

Nos últimos decênios, a Igreja andou descobrindo o mundo da comunicação como o primeiro areópago dos tempos modernos, que está gerando um estilo de vida e se tornando sempre mais globalizado. Está consciente que os meios de comunicação se tornaram o principal meio informativo e formativo, que influencia de certa maneira nos comportamentos sociais e individuais, e condiciona as novas gerações.¹⁰⁴

Todavia, não basta ter nas mãos os instrumentos da comunicação social. A Igreja ultimamente reconheceu que a linguagem usada na evangelização e na catequese não levou em consideração a mudança dos códigos existencialmente evidentes na sociedade influenciada pela pós-modernidade e marcada por um amplo pluralismo social e cultural. A Igreja ainda tem dificuldade de entrar na cultura gerada pelos meios de comunicação.¹⁰⁵ É urgente enfrentar este desafio se deseja ser escutada e compreendida na realidade de hoje.

¹⁰³ Cf. At 17,22-31.

¹⁰⁴ João Paulo II, *Redemptoris Missio*, n. 37.

¹⁰⁵ Documento de Aparecida, n. 56.

4. A cultura como “habitação” do ser humano

Na encíclica *Redemptoris Missio*,¹⁰⁶ sobre a vida missionária da Igreja, o Papa João Paulo II:

- a) recorda que o Apóstolo Paulo, depois de ter pregado em numerosos lugares chegou a Atenas e se dirigiu para o Areópago onde anunciou o Evangelho usando uma linguagem adequada e compreensível naquele ambiente;¹⁰⁷
- b) reconhece que o primeiro Areópago dos tempos modernos é o mundo da comunicação, que está unificando a humanidade e transformando-a, como se diz, numa vila global;
- c) lança um desafio: o trabalho dos meios de comunicação, todavia, não tem somente o objetivo de multiplicar o anúncio. Trata-se de um fato mais profundo, porque a evangelização mesma da cultura moderna depende em grande parte da sua influência. O Papa admite ainda que não basta usá-los para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas convém integrar a mesma mensagem nesta nova cultura criada pela comunicação moderna.

A reflexão da comunicação na “cura pastoral” nos leva a considerar a dimensão importante da existência humana que é a “cultura”, conforme a exortação do Papa. O que entendemos por “cultura”? São muitas as definições e não é o caso de fazer uma longa explicação. Fundamentalmente, do ponto de vista do contexto social, tudo quanto é humano é cultural, em qualquer nível seja considerado o fenômeno humano. Neste sentido podemos entender a cultura como “habitação” e ligando aos costumes, significa o modo de viver e conviver. A cultura é o “contexto vital” gerado pelo homem e pela mulher que ao mesmo tempo influenciam no seu modo de ser e de trabalhar.¹⁰⁸

O homem e a mulher vivem na cultura como em sua própria casa. Nesta casa se elaboram as relações interpessoais e sociais diante dos nós existenciais que estruturam a vida humana: a relação com os bens de subsistência, consigo mesmo, com os outros, com a natureza, com as tradições, com a transcendência, com Deus.

Paulo era um judeu de observação rigorosa, mas nasceu em Tarso, importante centro da cultura grega e porta aberta para o mundo ocidental. Além de sua formação intelectual, a experiência feita na estrada de Damasco marcou

¹⁰⁶ João Paulo II, *Op. Cit.*, n. 37 (Cf. também: João Paulo II, *Il rapido sviluppo*, n. 3).

¹⁰⁷ Cf. At 17, 22-31.

¹⁰⁸ SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo : Paulus, 2003, p. 31.

profundamente a sua vida. Em Cristo buscou unir todos os povos com uma única mensagem: o amor, que gera relações de comunhão.

Já dissemos que Paulo era de um ambiente urbano, e como homem de uma grande cidade soube adaptar o Evangelho à linguagem compreensível no contexto cultural em que vivia. Hoje, o desenvolvimento da cura pastoral supõe também considerar e valorizar os elementos positivos da cultura e transformar os aspectos que não ajudam o ser humano a viver com dignidade.

Os meios de comunicação social fazem parte da nossa cultura. Não são simples apêndice. Penetraram definitivamente nos costumes individuais e sociais, e, por conseguinte, na forma de viver e de conviver. Enquanto “meios” hoje, não podem ser classificados como bons ou ruins. Todos os meios de comunicação são positivos. O Concílio Vaticano II já tinha reconhecido isto os chamando “maravilhosa invenção da técnica”¹⁰⁹. O problema pode surgir pelo uso dado a estes instrumentos.

Que gênero de homem e de mulher está “gerando” hoje os meios de comunicação? Por exemplo, um jovem que passa 5-8 horas por dia (às vezes mais!) diante de um computador navegando na Internet, “que coisa busca?”, “com qual identidade se aproxima de outras pessoas?”, “quem deseja encontrar?”, “qual conteúdo leva às suas conversações?” Nos parece que sejam perguntas, entre tantas outras, que podemos fazer com o objetivo de compreender a nova cultura que os meios estão gerando.

A cultura em que vivemos é complexa, e os meios fazem parte intrínseca de uma *maneira de viver*. Voltemos, portanto à pergunta inicial: Como salvar a dimensão humanista da comunicação quando prevalece a sua dimensão “estrutural?” Ainda uma vez, não se trata de colocar uma forma de comunicação contra a outra. O problema a resolver é como “humanizar” a comunicação, tendo presente que “tudo o que é verdadeiramente humano é cristão”¹¹⁰. Parece-nos que este é um desafio que a “cura pastoral” deve assumir e responder.

Conclusão

É impossível pensar na “cura pastoral” sem levar em consideração a realidade da comunicação. Ao Aprofundar o tema nos demos conta que a comunicação fez parte do modo de ser de Paulo. Foi um aspecto da realidade humana que o Apóstolo incorporou à sua vida e o desenvolveu a favor da missão evangelizadora.

¹⁰⁹ Decreto *Inter Mirifica*, n. 1.

¹¹⁰ “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, dos pobres, sobretudo e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo, nada existe de genuinamente humano que não encontre eco no seu coração.” (*Gaudium et Spes*, n. 1).

Como vimos, Paulo foi um comunicador com um estilo próprio, diferente daquele dos missionários do seu tempo, que usando as técnicas de comunicação eram levados por interesses pessoais. Ele nos ensina que para um bom desenvolvimento da comunicação, da perspectiva do evangelizador, é necessário uma profunda experiência de Deus, um conteúdo consistente, abrir-se à cultura do destinatário, convergir tudo no esforço constante de criar “comunhão”, seja no contato direto com as pessoas, seja através dos meios de comunicação.

A acolhida e o respeito pelo outro são fundamentais para Paulo. Ele tinha consciência da força da “palavra” que pode edificar ou curar, ferir ou matar. Desta consciência nasce a advertência aos membros da comunidade de Éfeso: “Que nenhuma palavra inconveniente saia da boca de vocês; ao contrário, se for necessário, digam boa palavra, que seja capaz de edificar e fazer o bem aos que ouvem.”¹¹¹

Muitos homens e mulheres da Igreja procuraram em Paulo, inspiração para a cura pastoral, entre eles o Fundador da Família Paulina, o Bem Aventurado Tiago Alberione. Ele tinha intuído no início do século XX que uma das necessidades do seu tempo era mesmo o desenvolvimento da comunicação. Era urgente procurar os meios para levar a “Boa Notícia” às pessoas que se afastavam da Igreja. Iniciou com a imprensa, e depois assumiu os meios técnicos mais velozes e eficazes.

Em 1960, ainda antes do Concílio Vaticano II, Alberione escrevia: “Se São Paulo vivesse hoje continuaria a arder daquela dupla chama, de um mesmo incêndio, o zelo por Deus e o seu Cristo, e pelos homens de todos os países. E para fazer-se sentir subiria sobre os púlpitos mais elevados e multiplicaria a sua palavra com os meios do progresso atual: imprensa, cinema, rádio, televisão”.¹¹²

Paulo continua a ser inspiração para todos aqueles que crêem na evangelização com as novas tecnologias da comunicação. Soube usar os meios mais rápidos e eficazes do seu tempo, com uma linguagem adequada, sem perder a dimensão humana. Dele aprendamos que não existe Igreja sem comunicação.

À luz da vida de Paulo, nos fazemos algumas perguntas: imersos na cultura da comunicação, dominada pelo interesse de mercado, qual é a verdadeira

¹¹¹ Ef 4,29.

¹¹² ALBERIONE, Tiago. CISP 1152.

motivação quando o tema é evangelização? Num mundo marcado pela comunicação instrumental, qual espaço ocupa a comunicação interpessoal? Como recuperar a dimensão humana e cristã da comunicação? É necessário ter claro e insistir que “consumidor de novas tecnologias” tão difundidas hoje não é sinônimo de “bom comunicador”.

A Igreja reconhece que as novas tecnologias da comunicação, particularmente os sites Internet, podem reforçar e estimular o intercâmbio de experiências e de informações que ajudam a intensificar a prática religiosa; isto embora os meios de comunicação em geral não substituam as relações interpessoais nem a vida comunitária.¹¹³

Vivemos num período histórico caracterizado não somente por uma época de mudança, mas por uma mudança de época,¹¹⁴ na qual a comunicação é um dos fatores que está revolucionando a história da humanidade. Nesta cultura, em que predomina a comunicação instrumental, urge recuperar a dimensão humana, e não perder de vista os contatos diretos, olhos nos olhos.

Apresentamos nesta reflexão o Apóstolo Paulo como uma importante referência de comunicador na cultura pastoral. Ele é o santo que procurou conhecer o Divino Mestre na sua plenitude.¹¹⁵ Ele foi o seguidor de Jesus, o Comunicador Perfeito que sabiamente “assumia a forma de palavra e de histórias vivazes que exprimiam verdades profundas com termos simples e quotidianos. Não só as suas palavras, mas também as suas ações, particularmente os milagres, eram atos de comunicação, marcavam sobre sua identidade e manifestavam a força de Deus. No comunicar mostrava respeito para os seus ouvintes, simpatia pelas suas situações e necessidades, compaixão para com seus sofrimentos e uma determinação resoluta em dizer-lhes o que tinham necessidade de ouvir, de modo prender-lhes a atenção e ajudá-los a receber a mensagem, sem imposições e compromissos, enganos e manipulações. Convida os outros a abrir-lhe a mente e o coração, sabendo que deste modo, seriam conduzidos a ele e ao Pai”.¹¹⁶

Na segunda parte da nossa reflexão, à tarde, procurarei aprofundar ainda mais a sociedade em que vivemos vista do ponto de vista do “espetáculo”. Voltaremos sobre o tema da comunicação, integrando-a a outros aspectos paralelos, tais como as novas tecnologias, o consumismo, a publicidade, o

¹¹³ Documento de Aparecida, n. 489.

¹¹⁴ Documento de Aparecida, n. 44.

¹¹⁵ AD 159.

¹¹⁶ PONTIFICIO CONSIGLIO DELLE COMUNICAZIONI SOCIALI. *Etica nelle comunicazioni sociali*, 04/06/2000, n. 32.

protagonismo do mercado, de modo a aprofundar ainda mais a cultura na qual somos chamados a desenvolver a cura pastoral.

Anexo 6

OS DESAFIOS PASTORAIS NO CONTEXTO ECLESIAL DO NOSSO TEMPO

P. Julio Raúl Méndez
20 de junho de 2009

1. *A missão pastoral* é entendida como a participação na obra redentora de Jesus, como continuidade de Sua obra na diversidade das circunstâncias de tempo e lugar.

Notamos que:

1.a. - trata-se da ação pessoal de Jesus o Verbo feito homem, iniciada na terra e continuada até sua Glória junto ao Pai.

1.b. - é a obra redentora dos homens, os seus destinatários são os homens.

1.c. - que se continua de maneira encarnada, através dos fiéis consagrados como suas presenças sacramentais (os pastores, para o sacramento da ordem) e todos os batizados nos diferentes modos (especialmente os religiosos/as para participar de maneira especial nesta obra pastoral).

1.d. - que a multidão dos homens destinatários da pastoral, expressa sempre uma grande pluralidade segundo os tempos e lugares.

1.e. - que precisa dar atenção a esta pluralidade que está em mudança.

2. Consideramos a situação atual da humanidade nos aspectos que constituem um desafio para a ação pastoral. Desafio significa uma realidade que apresenta dificuldade e provoca para dar uma resposta. Daremos atenção àquilo que, em primeira instância para a Igreja, não é fácil nem agradável, mas que não podemos prescindir, porque constitui o núcleo da missão.

Observamos que se trata do nosso tempo, portanto de um contexto eclesial que nos pertence. Ao mesmo tempo, observamos que a Igreja, na sua etapa peregrina, é sempre situada, colocada no contexto, nos modos reais em que vivem os homens que são os seus destinatários e os seus membros.

○ nosso olhar parte da fé de sempre, rumo à complexa realidade do nosso mundo para discernir os sinais dos tempos.

Os aspectos dos quais nos ocuparemos respondem a três requisitos:

2.a. - são gerais (mesmo se existem lugares e aspectos diversos nos casos particulares).

2.b. - são difusos em diversas nações e globalizados.

2.c. - são relevantes para o empenho pastoral.

3. O primeiro desafio encontramos na situação que toca o mesmo núcleo de nossa identidade eclesial e fundamentalmente pastoral. É a secularização antropocêntrica.

Façamos memória de uma cena.

Mt 9,35-36 *Jesus percorria todas as cidades e povoados, ensinando em suas sinagogas, pregando a Boa Notícia do Reino, e curando todo tipo de doença.*³⁶ *Vendo as multidões, Jesus teve compaixão, porque estavam cansadas e abatidas como ovelhas que não têm pastor.*

Mc 6,34 Quando saiu da barca, Jesus viu uma grande multidão e teve compaixão, porque eles estavam como ovelhas sem pastor. Então começou a ensinar muitas coisas para eles.

Aqui os evangelistas definem os sentimentos de Jesus que dá origem à sua iniciativa pastoral: a compaixão.

Jesus descobre o sofrimento dos homens e o faz seu, sofre junto com eles.

A sua resposta é o ensinamento. Oferecer a verdade, oferecer a si mesmo para que os homens não esmoreçam. Por isso se auto define o Bom Pastor, cuja Palavra, os homens possam escutar e cuja voz seguir.

○ ser o Logos, o ser a Verdade dão origem ao seu ser Pastor enquanto é uma Verdade que se doa, movida pelo Amor da compaixão.

Jo,10¹¹ *Eu sou o bom Pastor.*

O Bom Pastor dá a vida por suas ovelhas.

¹⁴*Eu sou o bom Pastor; conheço minhas ovelhas, e elas me conhecem.*

¹⁵*Assim como o Pai me conhece eu conheço o Pai. Eu dou a vida pelas ovelhas.*

¹⁶*Tenho também outras ovelhas que não são deste curral. Também a elas eu devo conduzir; elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor.*

Este hino joanino ilumina os nossos ânimos porque marca a nossa identidade com Jesus e o sentido de nossa vida.

Mas aqui aparece a primeira grande dificuldade contemporânea.

3.a. - Os homens do século XXI privilegiam a autonomia.

○ antropocentrismo exclui o reconhecimento da necessidade de um guia. A parábola que inclui o reconhecer a si mesmo como ovelha, ressoa como uma ofensa para o projeto do Iluminismo, da Libertação de cada mestre e tutor (Kant, Nietzsche). Esta é a chave da modernidade secularizada.

○ secularismo faz mal à fé e à religião. Deixa à parte Deus como aquele que dá sentido à vida, na sua origem, no seu desenvolvimento histórico e na sua realização final.

Este antropocentrismo não atinge somente as classes sociais superiores, mas penetra também nos setores menos favorecidos. A cultura se globaliza mesmo que os bens oferecidos não cheguem a todos. Se ainda existem os povos pobres e setores subdesenvolvidos que ainda não participam destas questões, seria apenas questão de tempo, muito breve.

3.b. - nem mesmo a compaixão é um sentimento que se quer provocar ou receber. É mais forte a necessidade de reivindicar os próprios direitos e da própria luta sem paternalismos.

Existem dois modos de sentir-se satisfeitos (sem suscitar compaixão) pelos bens terrenos de tipo econômico, biológico, afetivo e social.

3.b.1. - para obter o sucesso de qualquer modo

3.b.2. - estar empenhado na luta para segui-los

Nos dois casos não se inclui o desejo do sobrenatural, da comunhão com Deus, da salvação, portanto não tem um desejo não cumprido ou irrealizável.

Ainda mais, a sua inclusão seria um obstáculo: a religião como ópio dos povos (Feuerbach, Marx), a consolação dos falidos (Comte), daqueles que não se animam a ser aquilo que são (homens).

A religião é algo irreal porque Deus está morto, devemos assumir o viver às tempestades, ao frio da ausência de Deus (Nietzsche).

Não existe frustração que mereça uma compaixão, nem que justifique a diminuição de aceitar um pastor que me considere como uma ovelha.

4. O centro da obra de Jesus Cristo não é somente o ensinamento da Verdade. Não se trata somente de um Mestre cuja doutrina se adere. Ele provoca uma verdadeira transformação na reconciliação dos homens com Deus, através do sacrifício do seu sangue para o perdão dos nossos pecados.

A chave do ministério pastoral está aqui.

2Cor 5, 16-20 Por *isso, doravante não conhecemos mais ninguém segundo a carne...*

A necessidade da reconciliação tem origem na necessidade de ser perdoado, por ter pecado.

Mt 9,1-9... Jesus *vendo a fé que eles tinham, disse ao paralisado: "Coragem, filho! Os teus pecados estão perdoados".* (paralelos Mc 2,1-14; Lc 5,17-28).

A compreensível crítica do porque pretender ter autoridade para perdoar pecados, Jesus respondeu com o sinal da cura do paralisado. Mas a resposta definitiva está na entrega do seu próprio sangue como sacrifício para perdão dos pecados.

Mt 26-28 *Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo pronunciado a bênção, ...* (paralelos Mc 14, 22-25; Lc 22, 19-20; 1 Cor 11, 23-25).

Para que o ministério do perdão possa continuar, Jesus chama Mateus e os outros discípulos. Não somente para ensinar, mas também para colocar em prática. A ordem evangelizadora inclui, como momento central, a ordem santificadora através dos sacramentos.

Mt 28,19-20 *...Portanto, vão e evangelizem todos os povos,...*

Lc 22,19-20 *A seguir, Jesus tomou um pão, agradeceu a Deus, o partiu e distribuiu a eles, dizendo:*

São Paulo se preocupa em explicar que este é o centro do seu ministério, tal e qual como o tinha recebido (1 Cor 11,23-25).

Mas este ministério de reconciliação tem dois problemas:

4.a. - A objeção clássica da aceitação da mediação humana no perdão divino (por que devo dizer os meus pecados para o sacerdote?) já expresso a Jesus Cristo. É o problema da fé na Encarnação.

4.b. - Mais grave ainda é a falta de consciência do pecado, portanto, a falta de conhecimento da necessidade do perdão.

O primeiro se pode resolver no aprofundamento da fé na Encarnação.

O segundo provém da rejeição da transcendência: tudo fica no horizonte humano. Não obstante se reconheça Deus, se pensa que os nossos atos não possam ofendê-lo. E ainda mais, se Deus é assim tão bom, como se pode sentir ofendido! De outra parte, para o ideal iluminista da libertação do homem que afirma a si mesmo somente em si mesmo, é fundamental o desenraizamento do sentido de culpa (S. Freud).

5. Quando se supera o antropocentrismo secularizado o homem atual se abre à religião, aparece o terceiro desafio para o cristianismo que proclama Jesus como o único mediador entre Deus e os homens, como o único Salvador.

Jo 15,5 Eu sou a videira e vocês são os ramos...

Jo 6,48.51-53 Eu sou o pão da vida.

Jo 14,6 Jesus respondeu: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim.

Com grande coragem Pedro proclama diante do Sinédrio:

At 4,11-12 Este Jesus é a pedra, descarta por vós, construtores...

Esta proclamação gera dificuldade em um contexto de relativismo.

Vivemos num clima onde o absoluto, aquele que se garante como a verdade objetiva, o bem em si, não encontra lugar. Consolida-se o pluralismo em todos os campos, tudo se aceita da mesma maneira. Por fim, tudo depende do fato que existem alguns que aceitam, mas não se pode pretender que outros aceitem.

Este pluralismo relativista é o cenário no âmbito dos valores (axiologia = doutrina dos valores), das culturas e das religiões.

Quando a fome de Deus consegue fragmentar o secularismo, aparece uma múltipla oferta de religiões como artigos de consumo.

Trata-se de experiências que buscam o bem-estar, as emoções, a prosperidade e a saúde. Deus neste caso não está no centro.

Porque o centro se afastou do objetivo para o subjetivo, não tem lugar para uma discussão nem para um proselitismo. Tudo se pode centrar no próprio eu, nas sensações que me produzem. Se me agrada uma religião posso aderir a ela, quando me agrada outra posso transferir-me para a outra (como quem faz um zapping (*pula os canais para evitar comerciais*) com os programas de televisão).

Quando a piedade popular (em todos os níveis sociais) não é bem enraizada pode se escorregar para estas ofertas e também para uma forma de auto ajuda que combina uma psicologia leve e uma religiosidade partidária ou de imitação (também com referências católicas).

6. No ministério da revelação de Deus e da reconciliação com Ele, Jesus a partir da sua mediação única e definitiva mostrou-O como nosso Pai.

Jo 1,18 Ninguém jamais viu a Deus; quem nos revelou Deus foi o Filho único, que está junto ao Pai.

Jo 14,1-11 *Não fique perturbado o coração de vocês. Acreditem em Deus e acreditem também em mim...*

Quando nos ensinou a rezar nos disse:

Mt 6,9 *Vocês devem rezar assim: Pai nosso, que estás no céu, santificado seja o teu nome; (...), (paralelos Lc 11,1-4; Mc 11,25).*

Mas diversamente do pedido de Filipe: «Senhor, mostra-nos o Pai e isto nos basta», para os homens de hoje, muitas vezes, a figura do pai não lhes diz mais nada de atraente: porque não tiveram uma família, porque tiveram um pai ausente, porque o desejo de libertação agregada à figura do pai qualquer que seja: se define como uma figura castradora (Freud).

Vivemos em uma cultura *da morte do pai e da desconfiança nas ligações familiares*. Estas são percebidas como laços.

7. Que seja uma só Verdade, um só Deus e Pai, um só Mediador Jesus Cristo, um único sangue que nos salva, um único Bom Pastor não significa que a multiplicidade dos homens de todos os tempos e lugares fiquem abandonados, porque o Jesus terreno pôs alguns limites à sua atividade e porque agora Jesus Cristo glorioso não é visível.

Para assegurar que cada homem possa ser atingido por Ele e por sua obra, instituiu *o ministério pastoral e todas as formas de apostolado*.

Todos os agentes de pastoral agem em Seu Nome.

A declaração de Pedro coloca em destaque que o apostolado não se faz com as forças humanas, mas somente com a força do Nome de Jesus.

At 3,6 *Então Pedro disse: “Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho eu lhe dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levante-se e comece a andar!”*

At 10,39-43 *E nós somos testemunhas de tudo o que Jesus fez na terra dos judeus e em Jerusalém*

Trata-se da realização da obra confiada por Jesus:

Mt 16,18-19 *Eu lhe digo: você é Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja... (paralelos Mc 8,27; Lc 9, 18-21).*

Mt 18,15-18 *“Se o seu irmão pecar, vá e mostre o erro dele, mas em particular, ... (paralelos Lc 17, 3).*

Aquilo que é confiado por Jesus como serviço aos homens, aquilo que é oferecido pelos agentes de pastoral como um duplo serviço a Jesus e aos homens, é percebido como um ato de poder.

Certamente é um serviço de **poder**, mas do poder de redimir. Infelizmente tudo o que é autoridade e poder é suspeito de ser uma negação da dignidade humana (Foucault).

As tarefas do *discernir* e do *decidir* com autoridade, isto é com valor obrigatório para os outros é questionado fortemente. Aquele que se apresenta como quem serve é suspeito de querer manipular abusivamente a vida dos outros.

8. Do panorama descrito, com tantos obstáculos, parece surgir um cenário desencorajador que induz a dar-nos por vencidos.

Isto pode acontecer quando vemos diminuir a participação dos fieis, como se desmontam as instituições, a falta de vocações, a fragilidade das novas vocações, os abandonos da vida consagrada, os ataques nos meios de comunicação à Igreja, as escandalosas faltas de autenticidade entre nós, a indiferença religiosa, a miscelânea de fé e de superstições, etc.

Mas o discípulo não é mais do que o Mestre (Mt 10,24).

Jesus foi traído diretamente por um discípulo, renegado por primeiro, os parentes o consideraram como louco e aquilo que ensinava parecia muito duro para as pessoas.

A sua resposta foi:

Jo 14,11 Acreditem em mim: eu estou no Pai e o Pai está em mim. Acreditem nisso, ao menos por causa destas obras.

Quais foram as suas obras?

At 10,37-42³⁷ Vocês sabem o que aconteceu em toda a Judéia, a começar pela Galiléia, depois do batismo pregado por João;...

At 17,30-33³⁰ Mas Deus, sem levar em conta os tempos da ignorância, agora anuncia aos homens que todos e em todo lugar se arrependam,...

Aqui aparecem dois elementos:

8. a.- **da parte de Gesù:** fazer o bem, exercitar um amor efetivo, incessante.

Jo 15,13 Não existe amor maior do que dar a vida pelos amigos. ()

E Ele o fez.

Jo 13,1 Amou-os até o fim;

Gl 2,20 me amou e se entregou a si mesmo por mim

Ef 5,2 Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, oferecendo-se a Deus como sacrifício de suave odor. .

8. b.- **da parte de Deus Pai:** deu-lhe crédito com a ressurreição. A entrega de Jesus não permanece na frustração e nem na morte.

Jo 10,17-18 O Pai me ama, porque dou a minha vida para retomá-la de novo.

O grande paradoxo cristão se encontra na sequência indissolúvel de morte e ressurreição. É o círculo do amor: doando-se alcança a plenitude.

A oração de São Francisco de Assis o retoma muito bem: é dando que se recebe. Na morte a ressurreição.

Mas como discípulo de Jesus nos compete dar, o receber está nas mãos do Amor de Deus.

Por isto a ordem é:

Jo 15,12 O meu mandamento é este: amem-se uns aos outros, assim como eu vos amei.

Ser como o samaritano de Lc 10,33: que para e se encarrega diante da necessidade manifestada: **Mt 14,16** ¹⁶ *Dêem-vos vós mesmo de comer.*

Entregar o que somos e temos em talentos, dons, bens, tempo, com tudo o que possuímos (não entender a frase “faço aquilo que posso” como “faço pouco ou quase nada”, mas como “não retenho nada” “me dou integralmente”). Como o menino dos cinco pães e dois peixes. Não como quem quer guardar sua vida para si mesmo e termina esvaziando-a (Jo 12,25): o egoísmo é infecundo, o amor gera vida e alegria.

9. Os discípulos de Jesus não tinham capacidade para entender o que Jesus pregava, nem para eles era mais fácil do que para os outros. De fato, também eles o deixaram só no momento da crucificação.

Mas a **experiência do amor**, que não está no fato de *nós termos amado Deus, mas que ele nos amou por primeiro* (1Jo 4,10.19), gerava nos discípulos um vínculo de confiança e de **abertura na aceitação da Palavra** quando muitos se retiravam.

Jo 6,66-69 A partir deste momento, muitos discípulos voltaram atrás, e não andavam mais com Jesus...

Sem dúvida a aceitação da fé é obra conjunta da liberdade humana e da graça de Deus que toma a iniciativa “*nem a carne e nem o sangue humano, mas o Pai que me está nos céus*” (Mt 16,17).

○ dom da Graça é o amor de Deus em nós. Por isto somente o amor abre à aceitação da fé; só no seio do Amor se gera a fé.

○ amor sempre fala e se abre à relação. Descobrir-se amado faz tomar consciência da própria dignidade. Descobrir-se amado por Deus através da sua Igreja revela a identidade de filho de Deus.

A ligação entre o Amor e a Verdade é o que Jesus pedia para acreditar pelo menos por suas obras, no insistir que é o Bom Pastor que dá a vida por suas ovelhas, no realizar milagres como sinais.

Quando o povo parava só nos pães multiplicados, ficava na metade da estrada (Jo 6,26). Ser amigo de Jesus, destinatários de seu amor, é receber a Verdade quando nos faz conhecer tudo o que ouviu do Pai (Jo 15,15).

○ nosso apostolado não pode ser concebido sem a prioridade do amor. Se falta o Amor tudo é inútil (1Cor 13,2).

A nossa iniciativa deve ser sempre aquela de mostrar o Primeiro Amor que vem incondicionalmente de Deus.

○ amor é:

9.a.- o critério com o qual se verifica e discerne cada projeto e cada ação em todos os seus passos;

9.b.- sempre o primeiro passo, que bate à porta do coração e do ouvido para oferecer a Palavra.

Seremos julgados pelas obras (Mt 25,35-36: tive fome e me deste de comer...). Isto significa que *o amor é a ortodoxia fundamental*.

A partir das obras do amor tem lugar a apresentação da Palavra, como quem dá razão da esperança (1Pd 3, 15) que o sustenta nesta ação. A Verdade do anúncio não é ilusória porque o amor cristão manifesta a sua identidade, é continuidade do Amor do Pai; não nossa iniciativa filantrópica.

○ conteúdo básico e central do anúncio do evangelho é que *Jesus Ressuscitado nos dá o Espírito Santo reconciliando-nos com Deus Pai, do qual viemos, restituindo-nos assim a nossa dignidade máxima na comunhão com Deus e com todos os homens. Que nesta vida, progressivamente desenvolvida, se encontra a nossa felicidade*.

Assim veremos que o **nosso serviço pastoral tem também a figura do semeador**. Quem semeia é sempre Deus, nós colaboramos com Ele. Diz São Paulo aos Coríntios “*nós semeamos entre vocês as coisas espirituais*” (1 Cor 9,11).

Colaboramos no semear, no plantar, mas o crescimento e o fruto vêm da Graça de Deus que age misteriosamente no coração livre do homem.

Disse Paulo 1 Cor 3,5-6 *Quem é Apolo? Quem é Paulo?*

A nós cabe numa atitude acolhedora, colocar amor e simpatia para oferecer de diversos modos um acesso à Palavra da Verdade e da Vida:

- no diálogo pessoal; partilhando na oração e iniciando a ela;
- na catequese; nas reflexões com os grupos;
- na lectio divina; nos retiros espirituais;
- nos meios de comunicação e internet;
- no ensino da religião na escola;
- oferecendo liturgias com unção, preparadas com devoção e beleza (missa, liturgia das horas).
- enfatizando o Domingo como o Dia do Senhor.

Abrir para cada pessoa as portas da experiência de Deus na fé é o seu enraizar-se no nível máximo, é a maior elevação humana. É ao mesmo tempo o seu enraizar-se na alegria.

Sejamos semeadores de uma serena alegria, aquela que cantaram os anjos aos pastores: *paz na terra aos homens amados pelo Senhor (...)*”.

10. Embora a obra da conversão à fé se realiza no misterioso segredo da alma de cada pessoa, pela **ação** da Graça e da liberdade, **a nossa cooperação exterior é ativa**. Não é possível ficar indiferentes.

Por isto, além de ser pastores e semeadores, somos **pescadores de homens** (Mt 4,19; Mc 1,17; Lc 5,10).

Esta figura indica a nossa delicada atenção aos processos pessoais.

Aquilo que acontece na vida das pessoas das pessoas na sua relação com Deus não é algo estranho para nós. Todo o serviço de amor nas obras de misericórdia e de acolhida ficariam incompletos sem a semeadura do testemunho da Mensagem da salvação e do acompanhamento espiritual para fazer frutificar a Palavra na interioridade das pessoas.

O apostolado conjuga o impulso missionário para servir a real e efetiva reconciliação com Deus e o profundo respeito da liberdade e dos processos interiores das pessoas. Fazendo-nos tudo a todos, nos alegrando com os que

se alegram, chorando com os que choram (Rom 12,15) sem diluir, nem calar o amor e o anúncio da Verdade.

Não é uma exclusão recíproca: procura ativa das pessoas ou respeito pela sua liberdade religiosa; mas ao contrário: serviço para o encontro livre de cada pessoa com a fonte do Amor e da Verdade.

São Paulo nos diz que seja próprio do apóstolo o zelo pastoral, não em função de ligar as pessoas a si mesmo ou de fazer delas o nosso refúgio afetivo. Não se trata de um zelo entre os agentes de pastoral, que divide e torna estéril porque esconde Cristo (Gl 4, 17).

Trata-se de um cuidado muito atento para ajudar a cada um no seu encontro e vida de comunhão com Jesus; se trata do cuidado das pessoas por parte do mesmo Deus, como instrumentos seus:

2Cor 11,2 *Sinto por vocês um ciúme semelhante ao ciúme de Deus...*

Este artesanato paciente de nossa pastoral é aquele que gera vida, por isso podemos também nos considerar **participantes da paternidade e maternidade de Deus** (1 Cor 4, 15). Com grande alegria participamos como instrumentos nos processos de gestação, nascimento e desenvolvimento das vidas em Cristo.

11. Embora o ato de conversão à fé é sempre muito pessoal, também a fé, como cada coisa que faz parte da pessoa, se faz cultura.

Uma fé que não se faz cultura é uma fé não assumida plenamente e muito fechada.

É uma grande ilusão antropológica querer uma vida de fé sem expressão, sem continuidade nos sustentos estruturais, sem frutos históricos.

A **ruptura entre fé e cultura** é um drama do nosso tempo em sentido duplo:

- é um sinal e fator de perda de credibilidade
- uma tentação pastoral incorporada como projeto de fé exclusivamente interior.

Por si a fé gera um estilo de vida cristão e modos cristãos de convivência, que plasmam estruturas sociais cristianizadas.

A falta destas é um defeito. Não é um objetivo a procurar, como se fosse mais autêntica a fé impossibilitada de exprimir-se ou de ter continuidade e sustentar-se em estruturas de relações humanas

Por isto Jesus mesmo se declara **construtor de uma estrutura** que é a Igreja.

○ mesmo Pedro que Jesus nomeou pastor com a missão de apascentar suas ovelhas (Jo 21,15-19), que chamou pescadores de homens (Lc 5,1-11), o chamou também **pedra** para construir sua comunidade, a Igreja:

Mt 16,18 *Por isso eu lhe digo: você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.*

As estruturas implicam tempo, podem crescer e diminuir. Pedro e nós somos pedras da edificação da Igreja para a participação na vida de Jesus que é a pedra principal (Mt 21, 42; Mc 12, 10; Lc 20, 17; At 4, 11; Ef 2, 20; 1Pd 2, 7).

A nós pertence o papel de *pedras vivas* (1 Pd 2,5), assim acontece que *participamos também do ofício do construtor Jesus*. Jamais sejamos pedras mortas, passivas em suas mãos. A docilidade e o empenho apostólico nos tornam ativos no pensar e no agir na construção da Igreja durante a vida terrena, em cada espaço humano.

○ livro dos Atos dos Apóstolos nos mostra como acontece este processo. Na narração da atividade de Paulo, de Pedro e dos outros nos diz:

At 9,31 *E a Igreja viva em paz em toda a Judéia, Galiléia, e Samaria. Ela se edificava e progredia no temor do Senhor, e crescia em número com a ajuda do Espírito Santo.*

○ proprio Paulo:

- compreende o seu ministério como o de um construtor (Rom 15, 20);
- por isso assume como critério de vida não só evitar o que é pecaminoso, mas também o que não seja de edificação para a comunidade (1Cor 10,23-24 *"Tudo é permitido."...*).
- discerne entre os carismas os que servem para edificar a comunidade. (1Cor 14,2-4) *Aquele que fala em línguas não fala aos homens, mas a Deus*).
- compreende também que precisa modificar as estruturas de pecado e não voltar a instalá-las suprimindo a novidade transformadora do Evangelho (Gl 2,18 *De fato, se eu reconstruo o que destruí, eu próprio me torno culpável*).

Nos séculos de cristianismo a semente do Evangelho frutificou em muitas estruturas, fez a Igreja e a cultura cristã. Gerou instituições como os hospitais, as escolas, os asilos, as obras de assistência, de pensamento, de progresso científico e tecnológico, de reconhecimento dos direitos, etc.

Existem muitos nomes conhecidos e outros anônimos para nós, mas presentes na memória de Deus.

Os processos humanos nunca são estáticos ou definitivos, o dinamismo criativo dos cristãos é sempre estimulado para discernir e dar as respostas necessárias. Também no nosso caso em lugares de missão onde se deve ainda plantar a Igreja desde suas raízes, onde a Igreja é viva e onde a Igreja floresceu e gerou estruturas, mas que hoje estão enfraquecidas, em crise ou estão perdendo a própria natureza.

12. *Como exercitar a nossa identidade de pastores, semeadores, pescadores, pais e mães, pedras vivas e construtores de comunidade e de estruturas verdadeiramente humanas e cristãs?*

Façamos memória que o coração do homem é feito para Deus, que busca Deus mesmo sem sabê-lo, sem estar consciente. O coração do homem necessita perceber Deus, de qualquer forma, para perceber que somente Ele satisfaz os desejos humanos.

O início da resposta ao *secularismo* está no desejo de Deus, inato no homem, colocado por Deus mesmo.

É necessário encontrar sinais de Deus. A nós cabe oferecer um estilo religioso de vida, uma personalidade impregnada de fé, gestos e sinais eloquentes do cristianismo.

O amor vivido faz experimentar a atração pela beleza da bondade nos laços sadios, de serviços desinteressados. O amor fala e encanta.

Mostrar com os fatos o reconhecimento da dignidade humana. Descobrir no homem o seu verdadeiro rosto muitas vezes ultrajado. Esta é a resposta à cultura de morte do *Pai* e à desconfiança do *Poder*.

Os gestos claros de um amor que faz transparecer a sua origem em Jesus desperta a necessidade radical de filiação que existe no homem; superando o temor de uma paternidade que frustrate.

Estes mesmos atos de amor, tirando os prejuízos e as desconfianças de um Poder que queira submeter, são aqueles que podem curar a dureza do coração e abri-lo aos laços da *comunhão*.

Quando o amor e a religiosidade abrem o coração e se mostra que a sua origem é Cristo crucificado, aparece o sentido do *pecado* e o sentido da *redenção*. Assim se descobre o horizonte do mal e da injustiça no mundo.

A descoberta do Cristo ressuscitado abre à compreensão que somos chamados a uma vida mais digna, mais plena, para além do domínio do mal e da morte. Em comunhão com a Virgem Maria, os santos e os mártires.

Esta conversão, à medida que gera a identidade do católico, desperta a identidade do membro ativo da Igreja.

A vida de membros da Igreja não nos isola do mundo. Não se trata de cultivar um estilo eclesiocêntrico que afaste da realidade cotidiana. Mas ao contrário, se trata de cristianizar a vida.

Que a Igreja seja em si mesma e na sua missão no mundo, casa e escola de comunhão com Deus e entre os homens.

13. "Que desafios especiais temos hoje no clima de secularismo, de relativismo, de negação da paternidade, dos laços e do serviço da autoridade?"

Vejamos algumas estruturas e critérios que respondam aos desafios atuais:

- Cultivar relações de pessoa a pessoa. Ajudar a amadurecer a vida de fé com paciência. Ajudar a descobrir a presença de Deus, iniciar à vida de oração e à liturgia.
- Manifestar simpatia para com os jovens, procurando compreender os seus ambientes e linguagens. Com grande autenticidade, sem igualar-se a eles. Escutar as inquietações dos jovens, solicitações, expectativas e projetos para discernir o que Deus pede como novo modo de ligá-los a Ele.
- Descobrir os novos pobres (idosos, pessoas solitárias, migrantes, etc.).
- Dedicar uma atenção especial ao discernimento vocacional. Fortalecer o tempo do noviciado e desenvolver uma formação à altura da cultura contemporânea.
- Levar em consideração a diversidade homem e mulher. Incorporar ambos os gêneros com o próprio perfil, promovendo igual dignidade e participação.
- Ao relacionar-se com homens e mulheres apresentar com espontaneidade o carisma da castidade consagrada; como sinal de pertença total ao Senhor e como um ministério de testemunho da sexualidade assumida.
- Cultivar a estima pelas famílias; aproximar-se delas para oferecer-lhes um contato enriquecedor com a vida consagrada.
- Levar na Paróquia um critério de unidade e diversidade. Oferecer na convivência paroquial a presença do carisma da vida consagrada.
- Integrar-se nas escolas e universidades. Distinguir-se pela preparação específica, o espírito de serviço e de comunhão.

- Integrar-se nas Comunidades Eclesiais de Base levando um critério de eclesiologia na unidade e na diversidade. Tornando presente o carisma da vida consagrada.
- Participar dos meios de comunicação e internet com idoneidade e identidade.
- Estar atentos aos novos caminhos que as circunstâncias nos apresentam. Recordar que o homem é o caminho da Igreja: sempre existem novos caminhos humanos onde fazer-se presentes (como Jesus no caminho de Emaús).
- Trazer presente nas atividades os critérios de paz, de ecologia, de inclusão social e de transcendência.
- A própria comunidade religiosa seja uma casa fraterna, unificada no Amor a Deus e na missão. Exista um clima de família, de modo que os seus membros possam transparecê-lo fora.
- Integrar-se em ações comuns de tipo ecumênico e inter-religioso.
- Por em relação a fé com a vida dos fiéis, mas sabendo que nem tudo se pode resolver neste nível. Fazemos história, mas com sentido transcendente, escatológico.
- Intuir as modalidades e culturas locais, mas fazendo permanecer o sentido eclesial e a identidade do carisma. Quando o carisma da Congregação é assimilado nas fontes do Fundador, pode-se adaptá-lo às diversidades sem traí-lo.

Cultivar um olhar de futuro, de esperança. Não parar no que se alcançou, as pessoas mudam, as circunstâncias se modificam. É a renovação dos desafios.

14. O desenvolvimento da vida cristã o fazemos entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus pelo Espírito Santo (Jo 15,18-16, 15).

Os desafios e as hostilidades não significam que o Senhor tenha abandonado a barca. Ele está conosco; não nos abandona na tempestade.

O mesmo Jesus viveu no Getsemani (Mt 26, 38-39; Lc 22, 44) e na cruz a experiência de sentir-se afetivamente abandonado pelo Pai (Mt 27, 46-50; Mc 15, 33-37), não obstante fosse consciente de estar sempre unido a Ele (Jo 14,10) e que Ele sempre o escuta (Jo 11,41-42).

Por isto pode abandonar-se nas mãos do Pai (Lc 23, 46; Jo 19, 30).

Foi à frente com sua obra sem deixar-se cair na tristeza e no desânimo; entregando toda sua vida ao Pai. Isto que de fora parecia uma ruptura, o abandono de Deus era na realidade a sua volta ao Pai, que estava com ele e que jamais o deixou só (Jo 16, 16-33).

Por isto o Pai o ressuscitou e vive glorioso enviando-nos seu Espírito de Amor, de Luz, de Verdade, de Consolação, de Paz (At 2,32-33; 3,15; 4,10-11).

Para viver a nossa participação na obra de Jesus, que inclui cruz e ressurreição, é necessário cultivar uma oração contemplativa. O permanecer na contemplação do rosto de Jesus nos leva a aprender a olhar a realidade com seus próprios olhos.

Deste modo aparece o verdadeiro rosto do homem. Não aquele que nós podemos projetar.

Sabemos que Jesus estará sempre conosco até o fim dos tempos (Mt 28,20). Um modo de *viver extraordinariamente o ordinário*; viver sobrenaturalmente o cotidiano: como na intimidade da Esposa (2 Cor 11,2).

De uma Esposa límpida e sem mancha que olha num espelho a sua fidelidade no rosto do Esposo (Ap 19-22). Este rosto que não se delineia suficientemente nos Dez mandamentos, mas completa o seu perfil nas Bem-aventuranças (Mt 5,2-20; Lc 6,20-23).

Não nos pertencem a procura nem a aceitação do mal menor. Nos pertence fazer sempre o maior bem possível como *pastores, semeadores, pescadores, pais e mães, pedras vivas e construtores* numa missão que nos fascinou e não podemos abandonar sem descuidar de ser nós mesmos. (1 Cor 9,16).

Na nossa missão nos falta ainda um perfil, que se une às imagens precedentes. Somos também *Cultivadores*.

O chamado vocacional de Mc 4,26-29 é para participar da colheita. Porque a semeadura principal e o crescimento rendoso é o próprio Senhor que faz com o seu Espírito. Nós não somos os principais atores, porém somos convocados para uma atividade que está em plena marcha. A esta altura do chamado podemos dizer: *Senhor, nada sem Ti; nada sem nós*.

Allegato 7

INFORMATIVO Nº 2

20 de junho de 2009

“Maria meditava no seu coração tudo o que assimilava com a leitura, os olhos, o ouvido; e que grande crescimento realizava na fé, que conquista fazia de merecimentos, de quanta sabedoria era iluminada e de qual caridade ia sempre mais incendiando”.
Dos sermões de Lourenço Justiniano Bispo.

Caríssimas Irmãs,

Eis-nos aqui para a segunda comunicação do trabalho Intercapitular que realizamos nos dias 17-19 de junho: escuta da relatório do Governo Geral e das nove Circunscrições. O conhecimento da realidade que está vivendo a nossa Congregação nos levou a expressar gratidão ao Senhor por aquilo que com o empenho de todas as Irmãs se realizou para o bem da Igreja nas diversas partes do mundo onde estamos realizando o nosso ministério de cura pastoral.

Em resposta ao objetivo do 7º Capítulo Geral, em cada relatório foi destacado particularmente o caminho comum da redescoberta de nosso Batismo que nos leva a viver a nossa consagração em contínua conformação a Cristo Pastor.

Na oração apresentamos ao Senhor, com espírito de humildade, seja a experiência partilhada do nosso serviço da autoridade, seja a vida das Circunscrições com as dificuldades as expectativas e as esperanças de cada uma.

No dia 18 de junho Pe. Valdir de Castro, Superior Provincial da SSP da Província Arg-Chile-Perú, nos orientou com o tema: A comunicação na *"cura pastoral" à luz do apóstolo Paulo*. Vivemos em um contexto de "muita comunicação" graças aos meios de comunicação social, mas diminuiu aquela verdadeira, a relação entre as pessoas que só pode criar comunhão. O Apóstolo Paulo era um grande comunicador. Na evangelização privilegiava o contato pessoal, as visitas às comunidades e quando escrevia o fazia para responder as necessidades dos irmãos. As cartas não tinham fim em si mesmas, mas "levavam dentro a sua presença". Paulo era um grande comunicador porque tinha claro a mensagem de Jesus, sobretudo porque tinha feito a experiência pessoal de Jesus.

Sábado, 20 de junho, fomos enriquecidas com o conteúdo da reflexão do Pe. Julio Raul Méndez, sacerdote diocesano da Arquidiocese de Salta, sobre os desafios no ministério pastoral hoje. A mensagem cristã a ser transmitida não muda, mas é necessário descer nas situações modificadas e difíceis de vida. Fazer aceitar a palavra não foi fácil para Jesus e nem mesmo para os Apóstolos. Qual é o caminho para que seja aceita a obra de Jesus? Não é um fato só de inteligência, mas é da experiência do amor. As obras do amor são o critério da identidade cristã: *nisto vos reconhecerão*. Pe. Julio foi ampliando com significativa metáfora a figura evangélica do pastor: aquela do semeador, do pescador, do pai e da mãe, das pedras vivas/construtor, do cultivador e do servo/amigo.

Da sua exposição vimos como todo o ambiente humano pode ser ocasião para expressar o nosso carisma. Deu ênfase na realidade da juventude e sobre o discernimento vocacional, mas também na formação litúrgica – sacramental que

acompanha a pessoa ao longo da sua vida e a introduz gradualmente no mistério pascal de Cristo.

Após cada exposição trabalhamos em grupo para recolher as interpelações e os elementos importantes na dinâmica da cura pastoral.

No final do dia recebemos a notícia da morte imprevista do irmão da Irmã Luz Mary Oliveros. Acompanhamos com a oração a ela e sua família, neste momento de dor no qual o Senhor chama a participar de seu mistério pascal.

Acolhendo o convite do Governo Geral para a adoração noturna que se concluirá com a oração de Louvor, amanhã, Domingo, dia do Senhor, fomos motivadas a permanecer diante de Jesus Eucarístico para recordar todas vós e as necessidades da nossa Congregação.

Fraternamente

Pelas Irmãs Intercapitulares,
Ir. Ana Acero e Ir. Lucia Varo

Allegato 8

INFORMATIVO Nº 3

25 de junho de 2009

*Jesus disse aos seus discípulos:
"Portanto, quem ouve estas minhas palavras e as põe em prática
é como um homem prudente,
que construiu a sua casa sobre a rocha.
Caiu a chuva, vieram as enchentes, os ventos deram contra a casa,
mas a casa não caiu, porque estava construída sobre a rocha..."*
Da Liturgia do dia.

Caríssimas Irmãs,

Nem todo o que diz "Senhor, Senhor" entrará no reino dos céus, mas aquele que se coloca humildemente diante do Senhor para buscar a sua vontade e praticá-la. Para nós Pastorinhas, isto significa olhar sempre Jesus Bom Pastor e nEle, rocha da salvação, tornar sólida, na fé, a nossa vida e a da nossa Família Religiosa.

A Palavra do Senhor nos insere sempre mais no clima de discernimento, que estamos vivendo nesta fase do Intercapítulo e que nos pede para refletir sobre alguns assuntos de interesse comum.

Domingo, dia 21 de junho, primeiro dia da semana, fizemos uma peregrinação ao santuário dedicado à *Madonna di Luján*, padroeira da Argentina. Juntamente com um povo numeroso, que veio venerar a Virgem Maria, celebramos a Eucaristia. Apresentamos ao Senhor, pelas mãos de Maria, cada irmã da Congregação e rezamos pelas vocações. No retorno partilhamos o almoço com as Irmãs das duas comunidades de São Miguel, foi um momento de alegre fraternidade.

Na parte da tarde retomamos os trabalhos intercapitulares. Fomos convidadas a um clima de discernimento para nos deixar iluminar pelo Espírito sobre o primeiro assunto de interesse comum: *o sentido de pertença à nossa família religiosa hoje* e a partilhar no grupo os elementos importantes necessários para reforçar e transmiti-los. Continuamos a considerar o tema de pertença também na segunda feira, dia 22 de junho, através de outros assuntos de interesse comum.

Terça-feira dia 23, refletimos com a mesma metodologia, sobre o tema: *conquistar, no nosso coração e nos nossos pensamentos, a pobreza evangélica e os seus caminhos*. Nossas reflexões foram favorecidas por fichas preparadas pelo Governo Geral e o Projeto Econômico Geral.

Quarta-feira dia 24, dedicamos a parte da manhã à visita cultural de Buenos Aires para conhecer a cidade. Na parte da tarde visitamos a comunidade provincial e a editora da Sociedade de São Paulo no centro da cidade de Buenos Aires. Os nossos Irmãos Paulinos nos acolheram com disponibilidade e nos mostraram o seu ambiente de trabalho.

Foi interessante a apresentação da nova maneira organizativa que eles estão experimentando há alguns anos, a qual centralizou o movimento editorial e econômico de varias livrarias, entre elas também uma *livraria on-line*.

Hoje, Quinta-feira dia 25, continuamos a reflexão sobre: *Os Cooperadores paulinos das irmãs pastorinhas e algumas urgências pastorais* (vias novas): *migração, ecumenismo, as novas aberturas missionárias*. O resultado da reflexão e da busca comum será submetido a ulterior discernimento para chegar a escolhas concretas.

Concluimos o dia com a oração das Vésperas. Continuam chegando mensagens e sustento, através da oração das diversas comunidades. Agradecemos a todas, de coração.

Fraternamente

em nome das intercapitulares
Ir. Ana Acero e Ir. Lucia Varo

INFORMATIVO N° 4

28 de julho de 2009

“Se sofrem por causa da justiça, felizes de vocês!
Não tenham medo deles, nem fiquem assustados.
Ao contrário, reconheçam de coração o Cristo como Senhor,
estando sempre prontos a dar razão da
sua esperança a todo aquele que a pede a vocês.”
1 Pd 3,14-15

Caríssimas Irmãs,

Os trabalhos intercapitulares estão chegando ao seu final. Podemos de verdade louvar e agradecer a Jesus Bom Pastor que esteve conosco, com a sua Luz e a sua Graça. Confortou-nos a recíproca presença da vossa oração da qual sentimos a força e riqueza dos frutos.

Nos dias 26 e 27 de junho, fizemos a síntese de tudo o que emergiu na reflexão da sessão intercapitular, chegando a delinear um caminho comum de toda a Congregação, para os próximos anos: 2009-2011.

A partir do objetivo do 7º Capítulo Geral – que nos inseriu mais profundamente no caminho de *conformação a Cristo Pastor* e está nos solicitando para qualificar *o ministério de cura pastoral* – nestes anos demos uma atenção particular à vida espiritual colocando no centro a Palavra de Deus, a Eucaristia, a oração de discernimento para uma renovada missão pastoral.

De agora em diante, continuando neste caminho de conformação, somos convidadas a manifestar com maior convicção, na vida de cada dia, *a razão da esperança que está em nós*: revitalizando a nossa Profissão Religiosa, manifestando um maior sentido de pertença à Congregação, expressando com *zelo* a cura pastoral na *tríplice obra*, numa releitura hoje.

Acolhamos a abertura do *Ano Sacerdotal* como um tempo de graça e uma ocasião a mais, para aprofundar a realidade carismática de Pastorinha, no meio do povo de Deus. Outra oportunidade privilegiada para a nossa Congregação será *o Seminário de cura pastoral* (junho de 2010), durante o qual se refletirá e aprofundará o tema da missão pastoral que nos conduzirá rumo ao 8CG.

Hoje, 28 de junho, aprovamos a síntese com as orientações comuns para toda a Congregação e acolhemos a reflexão conclusiva da superiora geral, Ir. Marta Finotelli. Na oração final vivemos um momento muito significativo, no qual se repetiu o mesmo gesto feito na abertura, nomeando a cada uma das irmãs da terra e do Céu. Depois, com as partes de um quebra-cabeça entregues no início

da assembléia intercapitular, compusemos o ícone de Jesus Pantocrator, o qual trazia escrito, no verso, o texto do capítulo 12 da carta de São Paulo à comunidade de Roma, expressão visível do caminho de comunhão entre nós. A todas um obrigada pela participação próxima com a oração e as mensagens de augúrios.

Neste dia a festa, é mais densa de agradecimento e de louvor pela Profissão religiosa da noviça Romina Paola Jalil da Delegação ARG-BO. A ela desejamos que possa viver com verdadeira alegria e fidelidade, a vocação de Pastorinha que o Senhor lhe concedeu. Estes votos são também para a noviça Analiesis Leslie da Delegação CO-VE-ME que fará a sua primeira Profissão amanhã dia 29 de junho, em Bogotá (Colômbia).

Invoquemos com confiança Maria, Mãe do Bom Pastor: com a sua ajuda e seguindo os passos dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, a nossa Congregação possa oferecer ao mundo o testemunho de unidade e de uma corajosa dedicação ao Evangelho de Cristo.

Fraternamente,

em nome das intercapitulares
Ir. Ana Acero e Ir. Lucia Varo



Casa geral
Roma